

IX 9Marcas CONSTRUINDO IGREJAS SAUDÁVEIS

PRESBÍTEROS

PASTOREANDO
O POVO DE DEUS
COMO JESUS

JERAMIE RINNE

A liderança, assim como os demais dons do Espírito, serve para a edificação do corpo de Cristo. Paulo deixou claro a Tito que nada estaria em ordem na igreja enquanto a devida liderança não fosse estabelecida. A maioria dos problemas não solucionados na vida da igreja diz respeito a uma liderança deficitária. Com uma clareza e um frescor extremamente úteis, Jeramie Rinne apresenta o que a Bíblia tem a dizer sobre a identidade e a atividade do presbítero de uma igreja local. Aí está um livro que os presbíteros podem ler juntos para seu proveito e que também ajudará a congregação a orar por seus líderes e a apoiá-los para que o trabalho deles seja uma alegria e não um fardo.

ALISTAIR BEGG, pastor titular da igreja Parkside Church, Cleveland, Ohio

Jeramie Rinne prova que é possível escrever de forma tanto abrangente quanto concisa acerca do ofício e do ministério dos presbíteros da igreja. E que livro valioso é esse! Para mim, é não apenas informativo, mas devocional, também útil para mim como pastor em meu amor por Jesus e, por extensão, por sua igreja. Tenho dificuldade de pensar em outro livro sobre o assunto que eu queira tão prontamente compartilhar.

JARED C. WILSON, pastor da igreja Middletown Springs Community Church, Middletown Springs, Vermont; autor de *Gospel wakefulness* e *The pastor's justification*

Você anseia ver um grupo cada vez maior de homens maduros e piedosos em sua igreja que trabalhem lado a lado com os pastores de tempo integral para pastorear, ensinar e treinar a congregação a fazer discípulos? Biblicamente preciso, sábio e escrito com sinceridade, esse pequeno livro trata da natureza essencialmente plural do ministério e da liderança eclesiásticos. Independentemente de como você enxergue a ordenação, a organização ou a nomeação dos “presbíteros”, você encontrará muito aqui para desafiá-lo, encorajá-lo e orientá-lo.

TONY PAYNE, diretor editorial da Matthias Media; coautor de *The trellis and the vine*

PRESBÍTEROS

Série 9Marcas: Construindo Igrejas Saudáveis

MARK DEVER E JONATHAN LEEMAN, organizadores

Pregação expositiva (David Helm)

O evangelho (Ray Ortlund)

Evangelização (J. Mack Stiles)

Membresia na igreja (Jonathan Leeman)

Disciplina bíblica na igreja (Jonathan Leeman)

Discipulado (Mark Dever)

Presbíteros (Jeramie Rinne)

Sã doutrina (Bobby Jamieson)



Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Rinne, Jeramie

Presbíteros: pastoreando o povo de Deus como Jesus / Jeramie Rinne; tradução de Rogério Portella. - São Paulo: Vida Nova, 2016.

ePub

Bibliografia

ISBN 978-85-275-0676-2 (recurso eletrônico)

Título original: *Church Elders: how to shepherd god's people like Jesus*

1. Administradores eclesiásticos 2. Liderança cristã I. Título II. Portella, Rogério

16-0030

CDD 253

Índices para catálogo sistemático:

1. Administradores eclesiásticos

IX 9Marcas CONSTRUINDO IGREJAS SAUDÁVEIS

PRESBÍTEROS

PASTOREANDO
O POVO DE DEUS
COMO JESUS

JERAMIE RINNE

Tradução
ROGÉRIO PORTELLA


VIDA NOVA

©2014, de Jeramie Rinne

Título do original: Church elders: how to shepherd God's people like Jesus, edição publicada pela Crossway (Wheaton, Illinois, EUA).

Todos os direitos em língua portuguesa reservados por

SOCIEDADE RELIGIOSA EDIÇÕES VIDA NOVA

Caixa Postal 21266, São Paulo, SP, 04602-970

www.vidanova.com.br | vidanova@vidanova.com.br

1.^a edição: 2016

Proibida a reprodução por quaisquer meios, salvo em citações breves, com indicação da fonte.

Todas as citações bíblicas sem indicação da versão foram extraídas da Almeida Século 21. As citações com indicação da versão *in loco* foram extraídas da Almeida Revista e Corrigida (ARC), da Tradução Brasileira (TB) e da Almeida Corrigida Fiel (ACF). Todo grifo nas passagens bíblicas citadas foi adicionado pelo autor.

GERÊNCIA EDITORIAL

Fabiano Silveira Medeiros

EDIÇÃO DE TEXTO

Rosa M. Ferreira

REVISÃO DA TRADUÇÃO E PREPARAÇÃO DE TEXTO

Paula Jacobini

REVISÃO DE PROVAS

Ubevaldo G. Sampaio

COORDENAÇÃO DE PRODUÇÃO

Sérgio Siqueira Moura

DIAGRAMAÇÃO

Sandra Reis Oliveira

DIAGRAMAÇÃO PARA E-BOOK

Felipe Marques

CAPA ORIGINAL

Dual Identity, Inc.

Imagem: Wayne Brezinka, para brezinkadesign.com

Vânia Carvalho (adaptação)

Aos presbíteros da igreja South Shore Baptist Church, meus “irmãos de guerra”.

SUMÁRIO

Prefácio da *Série 9Marcas*

Introdução: “Sou presbítero. E agora?”

- 1 Não presuma
- 2 Tenha cheiro de ovelha
- 3 Sirva à Palavra
- 4 Detecte os desgarrados
- 5 Lidere sem dominar
- 6 Pastoreie em conjunto
- 7 Seja modelo de maturidade
- 8 Interceda pelo rebanho

Conclusão: O peso eterno do pastorado

PREFÁCIO DA *SÉRIE 9MARCAS*

Você acredita ser sua responsabilidade ajudar a construir uma igreja saudável? Se você é cristão, cremos que é o que deve fazer.

Jesus ordena que você faça discípulos (Mt 28.18-20). Judas manda que você se edifique na fé (Jd 20,21). Pedro o conclama ao uso de seus dons para servir às pessoas (1Pe 4.10). Paulo o chama a dizer a verdade em amor, a fim de que sua igreja amadureça (Ef 4.13,15). Percebe aonde estamos chegando?

Seja você membro ou líder da igreja, a série *9Marcas: Construindo Igrejas Saudáveis* tem como alvo ajudá-lo a cumprir esses mandamentos bíblicos e, assim, desempenhar sua parte na construção de uma igreja saudável. Em outras palavras: esperamos que esses livros o ajudem a crescer em amor por sua igreja, assim como Jesus a ama.

O Ministério 9Marcas planeja produzir um livro pequeno e de fácil leitura sobre cada uma das características que Mark Dever chamou “as nove marcas da igreja saudável”, com um volume extra sobre a sã doutrina. Leia também os livros sobre pregação expositiva, teologia bíblica, o evangelho, conversão, evangelização, membresia na igreja, disciplina bíblica na igreja e discipulado.

As igrejas locais existem para demonstrar a glória de Deus às nações. Fazemos isso ao fixar os olhos no evangelho de Jesus Cristo, confiando nele para sermos salvos e amando uns aos outros com a santidade, a unidade e o amor de Deus. Oramos para que este livro o ajude.

Cheios de esperança,

MARK DEVER e JONATHAN LEEMAN,
organizadores da série.

INTRODUÇÃO

“Sou presbítero. E agora?”

Muitos pastores poderiam escrever um livro intitulado “O que não me disseram no seminário a respeito do ministério pastoral”. Esse livro provavelmente teria alguns capítulos dolorosos e difíceis, do tipo: “Como sobreviver a uma terrível reunião financeira” ou “O que dizer no funeral de uma criança de três anos de idade?”. O ministério pastoral envolve formas de sofrimento, desalento e aflição para as quais nenhum seminário é capaz de preparar um homem.

Mas o ministério também carrega surpresas agradáveis. Ninguém no seminário me disse que eu me apaixonaria pela minha congregação ou que assistiria, da primeira fileira, à fidelidade de Deus e ao poder do evangelho em ação na vida das pessoas.

E ninguém me avisou da alegria e da satisfação que eu receberia ao trabalhar com presbíteros leigos.

Eu amo os presbíteros leigos.¹ Fico impressionado com homens que, a despeito de agendas de trabalho exigentes e uma vida doméstica ativa, sacrificam tempo e dinheiro, lágrimas e orações a fim de liderar a igreja local. Gosto de observá-los lutando juntos para superar desafios, cometendo erros e amadurecendo no processo. É como conviver com os doze discípulos: homens comuns e falhos que cumprem um chamado extraordinário pela graça de Deus. Os presbíteros da minha congregação têm sido verdadeiros “irmãos de guerra” para mim;² não consigo imaginar o ministério sem meus copastores.

Eu também amo os presbíteros por outra razão: eles integram o plano de Deus para a liderança de suas igrejas. Deus sempre provê pastores para

seu povo. Ele concedeu Moisés, Samuel e os juízes a Israel; suscitou o pastor de Israel por excelência, o rei Davi. Contudo, todos esses homens, incluindo Davi, falharam de uma maneira ou de outra. Os reis depois de Davi conduziram o rebanho de Deus cada vez mais à idolatria e à injustiça. E então os profetas começaram a falar sobre um pastor vindouro, um novo “Davi” (p. ex., Is 9.1-7; Ez 34.20-24).

Deus cumpriu sua promessa ao enviar Jesus, o filho de Davi, o Bom Pastor que entregou a própria vida pelas ovelhas e ressuscitou. Mas isso não foi tudo. Jesus concedeu apóstolos e depois presbíteros para cuidarem de seu rebanho como subpastores, até sua volta (Ef 4.7-13; 1Pe 5.1-4). Os presbíteros são auxiliares de Jesus no pastorado das igrejas dele.

PIEDOSOS, BEM-INTENCIONADOS E... CONFUSOS

Por mais que eu ame os presbíteros pelas razões apresentadas, tenho notado um problema recorrente. Ainda que, de forma geral, eles sejam homens de Deus e bem-intencionados, não raro sentem-se confusos acerca do que envolve ser um presbítero. Eles nem sempre têm um entendimento completo do que devem fazer. E, para ser honesto, nós, pastores assalariados, também nos sentimos confusos.

Por consequência, os presbíteros tendem a inserir outros paradigmas de liderança extra-bíblicos para a supervisão da igreja, normalmente elaborados com base em suas próprias experiências e carreiras. Sem uma descrição clara e bíblica da função dos presbíteros, esses homens retornam, de modo natural, ao ponto por eles conhecido. Presumem que ser presbítero seja algo parecido com:

- administrar uma escola;
- gerir uma empresa;
- comandar um navio de guerra;
- gerenciar projetos;
- dirigir operações;

- supervisionar subordinados;
- participar de um conselho administrativo.

Alguns aspectos dessas experiências de vida sempre demonstram ser úteis na liderança do presbítero. Entretanto, cuidar de uma igreja é uma tarefa única.

“SOU PRESBÍTERO. E AGORA?”

Este livro tem o objetivo de apresentar uma descrição bíblica e concisa da função de quem exerce esse ministério. Quis elaborar um resumo que fosse inspirador e fácil de ler, que pudesse ser dado a presbíteros novos ou em potencial, os quais precisam saber o que é um presbítero e o que ele faz. Espero que o livro responda ao homem piedoso e bem-intencionado que pergunta: “Sou presbítero. E agora?”.

No entanto, este livro não é direcionado apenas a presbíteros na ativa ou aspirantes; ele também se dirige aos membros da igreja. Toda a congregação precisa compreender o plano de Deus para a igreja local, incluindo o plano para a liderança. Os membros da igreja podem se sentir tão confusos a respeito do papel dos presbíteros quanto os próprios presbíteros.

Portanto, oro para que este livro seja benéfico às congregações à medida que membros e líderes se unem em torno do conceito bíblico do ministério e da liderança na igreja local. Espero que os homens cristãos em estado de letargia espiritual, que apenas “esquentam os bancos” da igreja, leiam este livro e experimentem um despertar do desejo de pastorear sua família e sua igreja. Por fim, oro para que Deus use este pequeno livro para mudar o curso da vida de alguns homens chamando-os ao ministério pastoral como uma vocação.

PRESBÍTEROS, BISPOS E PASTORES

Uma rápida palavra a respeito dos vocábulos: usarei os termos “presbítero” e “bispo” de modo intercambiável, pelo fato de o Novo Testamento usá-los dessa forma.³ O presbiterato é uma função com dois títulos.

Na verdade, há três títulos. Afirmarei, no capítulo 2, que o termo “pastor” se refere à mesma função eclesiástica que a do presbítero e do bispo. Em sentido bíblico, presbíteros são pastores que são bispos. A pessoa na igreja a quem normalmente chamamos “pastor” é um presbítero assalariado, e a pessoa na igreja a quem chamamos, de modo geral, “presbítero” ou “bispo” é um pastor leigo, não assalariado.⁴

Presbítero, bispo ou pastor, assalariado ou voluntário, todos se referem à mesma função. Mas o que é essa função? O que os presbíteros devem realizar na igreja local? Quais são as ordens oficiais de Jesus a seus subpastores? Como eles podem saber se estão cumprindo a missão?

Antes de responder a essas perguntas, precisamos fazer algo mais básico: entender as qualificações bíblicas requeridas dos presbíteros. Caso você esteja considerando ter um cargo de presbítero, sua primeira tarefa é discernir se está pronto!

¹Utilizo a expressão *leigo* com o sentido básico de “voluntário” ou “não assalariado”. Não uso a palavra para sugerir uma distinção entre legítimo e ilegítimo. Ao contrário, afirmo neste livro que um presbítero voluntário e um pastor ou ministro assalariado ocupam o mesmo posto, ainda que a congregação tenha escolhido remunerar o último para que ele possa dedicar mais horas à mesma tarefa.

²Alusão à minissérie *Irmãos de guerra* [*Band of brothers*], lançada em 2001 pela HBO e produzida por Tom Hanks e Steven Spielberg. A minissérie, de dez episódios, relata as aventuras da Companhia Easy do Exército dos EUA, na Segunda Guerra Mundial. (N. do T.)

³Repare como os vocábulo *presbítero*, *bispo*, *pastor* e *cuidado* (supervisão) são usados de modo intercambiável nos seguintes textos: At 20.17,28; Tt 1.5-7; 1Pe 5.1-5. Algumas versões usam o termo “ancião” no lugar de “presbítero”, mas o sentido é o mesmo.

⁴No ambiente protestante brasileiro, os bispos são hierarquicamente superiores a pastores e presbíteros. Além disso, o uso dos termos *presbítero*, *pastor* e *bispo* para designar posições eclesiásticas diferentes é bastante variado em nossa cultura. (N. do E.)

NÃO PRESUMA

Tornei-me discípulo de Jesus na pré-adolescência, por meio do sério ministério evangélico de uma pequena igreja batista liderada por presbíteros, nos arredores de Las Vegas, estado de Nevada, Estados Unidos. Aos 26 anos, tornei-me o pastor-titular (ou presbítero-titular) de uma pequena igreja batista nos arredores de Boston, Massachusetts. Assim, você pode presumir que eu entendia tudo a respeito de presbíteros. No entanto, quer acredite ou não, foi apenas depois de eu ter me tornado presbítero que comecei a estudar, de fato, o que a Bíblia diz sobre os presbíteros.

Quando fui estudar, duas coisas me surpreenderam. Primeira, fiquei espantado com o quanto a Bíblia tem a dizer. Quase todos os autores do Novo Testamento escreveram dirigindo-se aos presbíteros. São mais de uma dezena de textos. Ficou claro para mim que presbíteros semelhantes a Cristo não são uma característica opcional da igreja; eles desempenham um papel central no plano de Deus para o pastorado de suas igrejas. Como eu havia perdido essa verdade?

Segunda, fui surpreendido com quão diferentes eram as funções dos presbíteros e suas qualificações bíblicas do que eu havia pressuposto. Eu pensava que estava qualificado para ser pastor e presbítero porque amava Jesus, tinha formação em um seminário e sabia pregar relativamente bem. O que mais seria preciso?

Talvez você também se considere um bom candidato a presbítero, mas por razões diferentes. É possível que você creia ter chegado o tempo para ser agregado ao conselho de presbíteros por sua fidelidade como membro da igreja. Você cumpriu dois mandatos no comitê de missões, manteve um

estudo bíblico em sua casa e até deu aulas para pré-adolescentes na escola dominical, enquanto não encontravam um professor. Você cumpriu seu dever, e agora é a sua vez de liderar.

Ou pode ser que você presuma ser vinculado ao conselho de presbíteros por causa de suas grandes doações. A igreja não teria terminado o ano fiscal com o saldo positivo sem os cheques que você preencheu. Grandes doadores merecem exercer grande influência e ocupar grandes posições. Essas são as regras. Além disso, sua igreja poderia se valer de um líder com algum tato para os negócios.

Também é possível você pensar que deveria ocupar um lugar de liderança na igreja pelo fato de ser um líder fora dela. Talvez você administre uma empresa de sucesso, integre a diretoria de uma organização beneficente, lidere um departamento, comande um batalhão ou seja o técnico de um time de futebol. É correto presumir que suas técnicas de liderança, experiência e habilidades o tornem o candidato ideal a presbítero.

Certo?

Conforme destaquei na introdução, seu primeiro dever em relação ao presbiterato é examinar se você deveria mesmo ser presbítero, à luz das qualificações encontradas na Bíblia. Não presuma. Mesmo que você tenha servido como presbítero antes, deixe que a Palavra de Deus vete sua candidatura.

A seguir há seis qualificações de um presbítero descritas no Novo Testamento. Leia todas e ore a respeito delas. Pare e medite sobre elas. Convide outras pessoas para participar da conversa. Mostre essa seção a sua esposa, a alguns amigos ou a um presbítero e pergunte: “Essas qualificações me descrevem?”.

VOCÊ SABE QUE ESTÁ QUALIFICADO PARA SERVIR COMO PRESBÍTERO SE...

1. Deseja ser presbítero

Em um dos ensinamentos mais longos do Novo Testamento a respeito dos presbíteros, o apóstolo Paulo começa dizendo: “Esta palavra é digna de crédito: Se alguém almeja ser bispo, deseja algo excelente” (1Tm 3.1). Pedro o afirmou com as seguintes palavras: “pastoreai o rebanho de Deus que está entre vós, cuidando dele não por obrigação, mas espontaneamente, segundo a vontade de Deus...” (1Pe 5.2).

Aspiração. Desejo. Liberdade. É preciso desejar ser presbítero. O pastorado fiel exige muito de você. Caso não tenha um desejo intenso e profundo de assumir esse papel, você será consumido. Isso não significa, é claro, que basta ter o desejo de ser presbítero para estar qualificado. Significa, isto sim, que a falta do desejo é um problema.

Há um homem na minha igreja que é um bom candidato a presbítero. Nossa equipe encarregada lhe pediu para servir como presbítero. Na verdade, nós lhe pedimos três vezes. Aparentemente a terceira vez foi bem-sucedida, pois ele enfim consentiu. Mas, quanto mais eu conversava com ele, mais tornava-se evidente que lhe faltava o forte desejo de ser presbítero. Ele concordou em servir em parte por ter se recusado a fazê-lo duas vezes antes. Por fim, o senso do dever para com sua igreja o compeliu a concordar em servir — exatamente o que Pedro disse que não fizéssemos.

Ele também me falou acerca de seu desejo de manter um tempo livre na agenda a fim de anunciar o evangelho aos vizinhos e à cidade. Posso apenas imaginar quão frustrante lhe seria caso ele tivesse se dedicado a pastorear o rebanho quando desejava estar lá fora, aumentando-o. Assim, depois de mais um tempo em oração, ele mudou de ideia e, corajosamente, recusou o convite pela terceira vez. Quase transformamos um evangelista em presbítero.

Ainda que nem todas as motivações sejam intrinsecamente boas, você precisa ter um desejo íntimo de ser presbítero. O Espírito Santo colocou

um anseio amoroso no seu coração para pastorear a igreja local? O que o motiva?

2. Demonstra caráter piedoso

Talvez você presuma que a característica mais importante de um presbítero seja a capacidade de liderar uma organização. Apesar de a habilidade de administrar fazer parte do papel do bispo da igreja, os escritores do Novo Testamento dão ênfase muito maior ao caráter santo. Os subpastores de Jesus devem refletir o caráter dele. É melhor um presbítero piedoso com dons de liderança medianos que um líder carismático com falhas morais evidentes.

Leia estas passagens a respeito das duas listas de qualidades de um bispo, escritas por Paulo. Estas virtudes devem cair tão bem ao presbítero quanto um terno feito sob medida:

É necessário que o bispo seja irrepreensível, marido de uma só mulher, equilibrado, tenha domínio próprio, seja respeitável, hospitaleiro, apto para ensinar; não dado ao vinho nem à violência, mas amável, inimigo de discórdias, não ganancioso (1Tm 3.2,3).

Pois, como responsável pela obra de Deus, é necessário que o bispo seja irrepreensível, não arrogante, nem inclinado a brigas, nem ao vinho, nem violento, nem dominado pela ganância; mas hospitaleiro, amigo do bem, sóbrio, justo, piedoso, equilibrado (Tt 1.7,8).

Dada a importância do caráter semelhante ao de Cristo, dedicaremos mais tempo para considerar algumas dessas qualidades em detalhes.

Irrepreensível. Paulo começa as listas de virtudes com “irrepreensível”. Essa descrição não significa que o presbítero tenha transcendido o pecado e viva uma vida moralmente impecável. Se assim fosse, as igrejas deveriam despedir seus presbíteros — todos eles. Em vez disso, o homem irrepreensível demonstra um grau exemplar de semelhança com Cristo,

livre de pecados notórios. Ser “irrepreensível” é semelhante a ser “respeitável” (1Tm 3.2), “justo” e “piedoso” (Tt 1.8).

Em seu livro que trata das qualificações dos presbíteros, Thabiti Anyabwile declarou adequadamente: “Ser irrepreensível significa que o presbítero deve ser o tipo de homem sobre o qual não há nenhuma suspeita de conduta errada ou imoralidade. As pessoas ficariam chocadas ao ouvir que esse tipo de homem foi acusado de tais atos”.¹

Convocar homens irrepreensíveis para serem presbíteros alimenta a confiança da congregação em seus líderes. Além disso, líderes eclesiais irrepreensíveis salvaguardam o testemunho da igreja para a comunidade, pois, como Paulo disse: “Também é necessário que tenha bom testemunho dos de fora, para que não seja envergonhado nem caia na armadilha do Diabo” (1Tm 3.7).

Equilibrado. De acordo com o perfil descrito por Paulo, os presbíteros devem ter domínio próprio, sobriedade, equilíbrio e disciplina. O autocontrole é fruto do Espírito Santo (Gl 5.23) e uma marca da vida cristã. Um homem cheio do Espírito tem domínio próprio.

É interessante que nas duas listas Paulo chamou a atenção para uma manifestação particular da falta de domínio próprio: ser “dado ao vinho”. A embriaguez destrói vidas e arrasta as pessoas para outros pecados. Conheço um homem que parou totalmente de beber ao se tornar presbítero. Ele desejava ser irrepreensível quando o assunto era bebida e um modelo para os membros da igreja que lutavam contra o alcoolismo. Apesar de a Escritura não requerer que os presbíteros se abstenham do álcool, eles devem possuir a capacidade de autonegação demonstrada por esse irmão.

Você esconde um vício secreto ligado ao álcool, às drogas, à pornografia ou ao jogo? Você perde o controle em relação a ira, dinheiro, palavras torpes ou fofoca? Você precisa adiar a candidatura ao presbiterato a fim de

se dedicar à crucificação de algum pecado habitual e cultivar o domínio próprio?

Amável. Existe um provérbio suaíli que diz: “Quando os elefantes lutam, a grama é pisoteada”. Da mesma forma, quando os pastores de uma igreja são belicosos e agressivos, as ovelhas são machucadas. Foi por isso que Paulo descreveu o presbítero qualificado como alguém “não dado [...] à violência, mas amável, inimigo de discórdias” (1Tm 3.3) e “não arrogante, nem inclinado a brigas” (Tt 1.7). Os bispos egoístas, dominadores, brigões, agressivos, ásperos, exaltados e explosivos esmagam os membros da igreja.

Os presbíteros, ao contrário, devem ser gigantes gentis. Gentileza não significa fraqueza ou covardia. Os presbíteros gentis exercem sua autoridade com a ternura de um pastor e a sensibilidade de um pai amoroso. Certa vez, assisti a um programa de televisão em que uma tartaruga se movia perto de um elefante que bebia água de uma cisterna. O elefante olhou para baixo e, com cuidado, moveu a tartaruga para o lado com o pé, a fim de não esmagar o réptil por acidente. Fiquei impressionado ao ver aquela criatura enorme ter esse cuidado. Da mesma forma, as pessoas ficam impressionadas quando são tratadas com gentileza por um líder da igreja.

Você é gentil ou áspero? Um pacificador ou um provocador? Você ouve bem ou atropela as pessoas para expressar suas opiniões? É difícil se autoavaliar diante dessas coisas. Seja corajoso e peça a alguns membros perspicazes da igreja para lhe darem avaliações francas.

Não ganancioso. Os presbíteros não devem ser “gananciosos”. Pedro disse que os presbíteros não devem servir “por interesse em ganho ilícito, mas de boa vontade” (1Pe 5.2). Essas palavras apresentam uma repreensão dura aos pastores que usam o ministério para enriquecer e viver com ostentação. Cuidado com os pastores que tosquiavam as ovelhas.

A ganância não é problema exclusivo dos pastores assalariados. Presbíteros leigos que trabalham para ganhar dinheiro têm dificuldade em

investir tempo e energia no cuidado da congregação. Às vezes, presbíteros leigos gananciosos manipulam igrejas com suas doações. Podem controlar as finanças da igreja e direcionar fundos para ministérios de sua preferência. Avaliam a saúde e o sucesso da igreja com base no relatório mensal do tesoureiro. Quando homens que amam o dinheiro lideram a igreja, cessam os gastos com os pobres, com o estabelecimento de novas igrejas e com o evangelismo internacional. Por que investir de forma maciça em causas que não enriquecem diretamente o pequeno feudo do presbítero ganancioso?

Qual é a sua relação com o dinheiro? Você o ama e vive para juntá-lo? Ou você tem prazer em ofertar na igreja local, em contribuir para a disseminação do evangelho e para as necessidades de outras pessoas? Você contribui com o dízimo ou com uma quantia irrisória? Sua contribuição é sacrificial ou apenas simbólica? É feita de má vontade? Examine-se com cuidado, “porque o amor ao dinheiro é a raiz de todos os males” (1Tm 6.10).

Antes de continuar, façamos uma pausa e pensemos em Jesus. Quando os líderes religiosos o acusaram de parceria com o Diabo, as acusações não se sustentaram porque ele era *irrepreensível*. Quando Pedro lhe ofereceu a oportunidade de evitar os captores ao brandir a espada, ele manteve o *domínio próprio*, determinado a cumprir o que ele e o Pai haviam planejado a respeito da cruz. Quando lidava com os fracos, feridos e doentes, Jesus era *gentil*. Quando o Diabo lhe ofereceu todos os reinos do mundo, ele não foi *ganancioso*. Em todos esses momentos, Jesus agiu como o perfeito pastor das ovelhas de Deus, além de estabelecer o padrão para os presbíteros das igrejas de hoje.

3. É capaz de ensinar a Bíblia

Paulo disse que o bispo deve ser “apto para ensinar” (1Tm 3.2). Ensinar a Bíblia é crucial para o trabalho pastoral do presbítero. Faremos uma análise mais profunda do tema no capítulo 3. Por ora, basta refletir na questão:

“Tenho instruído outras pessoas na Palavra de Deus com efeitos perceptíveis?”.

Ao longo dos anos, os presbíteros de nossa igreja têm conversado sobre potenciais candidatos ao cargo de presbítero. Às vezes, alguém indica um homem que vem sendo um crente e membro fiel da igreja há muitos anos. Falamos acerca do caráter piedoso do irmão e de seu casamento feliz. Elencamos os ministérios e os comitês nos quais ele serviu e percebemos que se dedicou centenas de horas de trabalho voluntário. Quanto mais falamos, mais torna-se óbvio que esse homem deveria ser presbítero.

Então, alguém pergunta: “Ele é capaz de ensinar a Bíblia?”.

Não há dúvida de que o irmão em questão nos tem ensinado por meio de seu exemplo piedoso. Mas isso não é o que Paulo quis dizer ao exigir que o presbítero seja capaz de ensinar. Ele estava se referindo ao anúncio verbal frutífero do evangelho e da doutrina bíblica. O presbítero deve se manter “firme na palavra fiel, conforme a doutrina, para que seja capaz tanto de exortar na sã doutrina quanto de convencer os seus opositores” (Tt 1.9).

Em alguns casos, percebemos que o irmão jamais ensinou, sequer em espaços menores como grupos pequenos no lar. Nesse caso, suspendemos a nomeação do presbítero por um tempo e examinamos a questão com ele em conversas posteriores.

Os presbíteros pastoreiam o rebanho à semelhança de Jesus. Assim como Jesus anunciou a Palavra de Deus com autoridade, os presbíteros em potencial da mesma forma devem ser conhecidos por ensinarem bem a Bíblia.

4. Lidera bem sua família

A sociedade americana traça uma linha bem clara entre o público e o privado, entre o trabalho e o lar. Avaliamos um líder do ramo dos negócios pela habilidade de aumentar os lucros e alcançar os objetivos da empresa, e

não pela qualidade de sua vida pessoal. O universo do lar do líder — filhos, casamento, vida sexual — não compete à esfera pública.

Na família de Deus, porém, a vida doméstica do presbítero tem uma importância imensa. Na verdade, o casamento e a educação dos filhos funcionam como uma prova prática para certificar a adequação do presbítero. Considere três maneiras pelas quais a liderança familiar de um homem o qualifica para a liderança eclesiástica. O presbítero deve ser:

Marido de uma só mulher. A maior parte das versões traduzem as palavras de Paulo por “marido de uma só mulher” (1Tm 3.2; Tt 1.6), mas algumas as traduzem por “casado uma só vez”. É difícil interpretar essa expressão de modo preciso.² Mesmo assim, no mínimo, ela estabelece o conceito do marido fiel que honra a aliança sagrada do casamento.

Você é fiel à sua mulher na área sexual? Você acessa *sites* pornográficos? Você já se divorciou alguma vez? Como estão as coisas entre você e sua esposa neste momento? Ninguém vive um casamento de contos de fada, sem atritos. No entanto, se seu casamento está cambaleando (ou algo pior), ou se teve um fracasso nessa área no passado, você deve conversar com alguns presbíteros e pastores sábios antes de buscar o presbiterato. A maneira de lidar com sua esposa tem muita importância se você quiser cuidar da noiva de Cristo.

A exigência de que o presbítero seja “marido de uma só mulher” desqualifica os irmãos não casados para o presbiterato? De acordo com os ensinamentos inequívocos de Paulo em outros escritos em relação às vantagens ministeriais do celibato e de seu próprio exemplo de apóstolo não casado (1Co 7.7,25-38), parece que o celibato em si não deve impedir um homem de exercer o ofício de bispo. Entretanto, se você não for casado, pergunte a si mesmo: “Estou mantendo a pureza sexual? Sou irrepreensível em meus relacionamentos emocionais?”.

Um pai eficiente. A habilidade de gestão é *realmente* importante para os presbíteros. Os bispos devem possuir a capacidade de liderar, uma das

implicações do título “bispo”. Entretanto, de modo geral, associamos a “administração” a planejamentos de recursos humanos, políticas empresariais, finanças e estratégias. Paulo tinha em mente alvos de gestão diferentes: os filhos e o lar.

Um presbítero é quem governa bem “a própria casa, mantendo os filhos em sujeição, com todo o respeito (pois, se alguém não sabe governar a própria casa, como cuidará da igreja de Deus?)” (1Tm 3.4,5).

Você consegue perceber analogias entre ser um pai e ser um presbítero? Nos dois casos, o homem assume o papel de liderança. Em ambos, ele tem a responsabilidade primária de ajudar aqueles que estão sob seus cuidados a crescer e conviver em harmonia. A paternidade e o presbiterato tratam de conduzir pessoas até a maturidade em um contexto comunitário. Aprenda a pastorear a família de Deus pastoreando, em primeiro lugar, sua família.

Seus filhos se comportam bem ou são incontroláveis? Você lhes ensina, em casa, a respeito da Palavra de Deus e do evangelho? Ou seus filhos ficam irados por causa de seu jeito excessivamente áspero ou por sua falta de envolvimento com eles (Ef 6.4)? A atmosfera predominantemente de sua casa é afetuosa e tranquila ou é pesada e caótica?

Esse texto exclui do presbiterato irmãos sem filhos? Não, em princípio. Entretanto, se um homem casado se recusa a ter filhos a fim de usufruir certo estilo de vida, sem descendentes para incomodá-lo, devemos nos preocupar. Será que o amor ao mundo o fez desobedecer ao mandamento básico do casamento: “... Frutificai e multiplicai-vos...” (Gn 1.28)? Mas se um homem não tem filhos por razões alheias à sua vontade, deve demonstrar-se frutífero em fazer discípulos em alguma área de sua vida. O princípio é este: nomeie pastores os homens *já* engajados no pastorado eficiente.

Hospitaleiro. Paulo ordenou duas vezes que os bispos sejam “hospitaleiros” (1Tm 3.2; Tt 1.8).

A hospitalidade pode revelar gentileza, compaixão e cuidado aos necessitados, perdidos e solitários — todas qualidades condizentes com o presbítero. Mas a hospitalidade faz algo mais: ela permite que outros vejam sua família em ação.

O que os outros veem quando são convidados para jantar em sua casa? É claro que eles não veem uma família impecável. Mas seus convidados detectam consideração e respeito mútuo nos tons de voz e nos sinais não verbais entre você e sua mulher? Entre você e seus filhos? Eles veem filhos obedientes e você agindo adequadamente quando eles lhe desobedecem? Se sua casa fosse uma igreja, seus convidados para o jantar desejariam voltar e lhes fazer outra visita?

5. É homem

Já deve ser óbvio neste momento, mas direi com clareza: Deus chamou homens, e apenas homens, para serem presbíteros.³ Considere algumas observações:

- Como vimos, Paulo declarou duas vezes, em contextos diferentes, que um bispo deve ser *marido* de uma só mulher.
- Um pouco antes de mencionar os bispos, Paulo afirmou: “Pois não permito que a mulher ensine, nem que exerça autoridade sobre o homem...” (1Tm 2.12). No contexto imediato, esse versículo no mínimo deve ser aplicado ao papel do bispo, o qual é fundamentalmente definido pelo ensino e pelo exercício de autoridade.
- Paulo ligou a liderança da igreja à liderança da família. Da mesma forma que Deus chamou os homens para serem líderes no casamento e na criação dos filhos (Ef 5.22—6.4), também os chamou para exercerem a liderança na família da igreja.

Isso significa que as mulheres nunca podem ensinar ou orientar, confrontar o pecado ou servir de modelo de piedade? Claro que não. É muito provável que você, como eu, consiga se lembrar de mulheres piedosas, usadas por Deus para orientá-lo e moldá-lo. No entanto, o presbiterato é mais que um dom ou um ministério. O termo *presbítero*

descreve um ofício específico, uma função designada por Deus, uma posição distinta no interior da estrutura organizacional da igreja local, da mesma maneira que o *pai* é uma posição distinta e designada por Deus na família. E, como ocorre com o papel do pai, Deus também convocou soberanamente *homens* qualificados para o papel de presbíteros.

6. É crente de longa data

Paulo se posicionou contra cristãos novos na fé servirem como presbíteros: “não deve ser novo na fé, para que não se torne orgulhoso e venha a cair na condenação do Diabo” (1Tm 3.6).

Às vezes os cristãos recém-convertidos nos surpreendem com seu entusiasmo espiritual, sua rápida transformação e seu evangelismo destemido. Mas seja muito cuidadoso para não colocar o recém-convertido rápido demais no presbiterato. Ele tem muito o que crescer e tem muitas provações pela frente. O termo *presbítero* implica sabedoria e experiência — coisas que faltam ao novo crente.

Se você é recém-convertido, concentre-se em aprofundar suas raízes em Cristo. Cuidado com o orgulho espiritual. Ou melhor, é preciso dar um passo atrás: certifique-se de que você se converteu de verdade. Não presuma! Você se arrependeu dos seus pecados e depositou sua fé no fato de que Jesus o perdoou? Você crê que apenas a morte e a ressurreição de Jesus podem salvá-lo do inferno e reconciliá-lo com Deus? Você nasceu de novo? Nada devasta tanto igrejas como a instituição de pastores e presbíteros não convertidos. Como pode alguém servir como subpastor de Jesus e refletir o caráter dele sem ser cristão?

Nossa igreja elege presbíteros em uma reunião anual. Nela, pedimos aos candidatos ao presbiterato para nos contarem sua história de como se arrependeram e creram em Jesus. De modo geral, são homens que conhecemos há muitos anos e que já serviram como presbíteros antes. Todavia, a igreja deseja ouvir esses homens confessarem mais uma vez a fé

em Jesus. Não sei ao certo quando nossa igreja deu início a essa prática, mas espero que ela nunca acabe.

VOCÊ SE ENQUADRA?

Quero que você faça uma coisa agora, neste momento. Antes de começar o próximo capítulo, quero que leia 1Timóteo 3.1-7. Leia essa passagem em voz alta. É muito importante. Vá para um lugar reservado, se necessário, e leia estes versículos em voz alta:

Esta palavra é digna de crédito: Se alguém almeja ser bispo, deseja algo excelente. É necessário que o bispo seja irrepreensível, marido de uma só mulher, equilibrado, tenha domínio próprio, seja respeitável, hospitaleiro, apto para ensinar; não dado ao vinho nem à violência, mas amável, inimigo de discórdias, não ganancioso. Deve governar bem a própria casa, mantendo os filhos em sujeição, com todo o respeito (pois, se alguém não sabe governar a própria casa, como cuidará da igreja de Deus?); não deve ser novo na fé, para que não se torne orgulhoso e venha a cair na condenação do Diabo. Também é necessário que tenha bom testemunho dos de fora, para que não seja envergonhado nem caia na armadilha do Diabo.

Foi isso que um homem me pediu para fazer quando eu estava sendo avaliado para a ordenação ao ministério pastoral. Então, abri minha Bíblia e li 1Timóteo 3.1-7 em voz alta para o homem e para os demais na sala. Quando terminei, ele me disse: “Agradeço pela leitura. Tenho apenas uma pergunta. Você se enquadra?”. E se sentou em seguida.

Devemos nos assemelhar a Jesus se quisermos liderar as igrejas dele, e Jesus corporifica todas essas características. As ovelhas devem detectar traços fortes do Supremo Pastor na vida e no caráter dos futuros pastores subordinados ao Pastor. Assim, permita-me perguntar, com base na descrição de um presbítero que você acabou de ler: “Você se esquadra?”.

¹Thabiti Anyabwile, *Finding faithful elders and deacons* (Wheaton: Crossway, 2012), p. 57.

²Parece improvável que a expressão objetivasse a proibição da poligamia, visto que o inverso da expressão, “tenha sido mulher de um só marido”, é usado para descrever as viúvas qualificadas para o recebimento de auxílio da igreja (1Tm 5.9), e, com certeza, não havia a prática da poliandria no mundo greco-romano. Descartando-se a poligamia, a expressão deve, então, ser tomada (1) de modo literal, com o significado de nunca ter se casado novamente, quer se encontre divorciado ou viúvo; ou (2) em sentido figurado, talvez com o significado de “ser um cônjuge fiel”. Inclino-me em direção à última interpretação. Para um debate mais amplo, veja George Knight III, *The Pastoral Epistles: a commentary on the Greek text* (Grand Rapids: Eerdmans, 1992), p. 157-8.

³Sei que se trata de uma questão muito debatida e, infelizmente, agora posso apenas mencionar de forma breve alguns argumentos para fundamentar meu ponto de vista. Para uma abordagem minuciosa de textos e temas relevantes, veja Wayne Grudem, *Evangelical feminism and biblical truth: an analysis of more than 100 disputed questions* (Colorado Springs: Multnomah, 2004).

TENHA CHEIRO DE OVELHA

— Então, essa igreja é como sua empresa: você é o vendedor e Deus é o produto — o visitante disse enquanto estávamos no saguão após o culto (gostaria de ter registrado todas as conversas estranhas que tive após os sermões pregados na igreja!).

— Não, não é bem assim — respondi.

O homem estava apenas racionalizando acerca da igreja com base em suas experiências. Ao que parece, ele tinha conhecimentos na área de negócios e vendas e por isso tentou interpretar a igreja a partir do que sabia.

Infelizmente, as pessoas mais novas na fé não são as únicas a cometer esse erro. Pastores, presbíteros e membros mais antigos não raro interpretam a igreja de modo equivocado, conforme as lentes do mundo dos negócios e das corporações.

Sem dúvida, as igrejas têm aspectos em comum aos dos negócios. Às vezes, elas se valem de executivos de finanças e orçamentos, políticas pessoais e empregatícias, instalações e seguros, diagramas de fluxo de trabalho e metas, estatutos e comitês. Essas são partes da vida da congregação e precisam ser bem geridas para a glória de Deus. Uma igreja local é um organismo estruturado.

O problema surge quando esses elementos que caracterizam o mundo dos negócios tornam-se parte do modelo de atuação mais amplo da congregação, ignorando os ensinamentos bíblicos. A coisa toda pode tomar a seguinte forma:

- Pastor = presidente/diretor-executivo
- Diretoria = vice-presidentes

- Membros = acionistas/clientes fiéis
- Visitantes = clientes em potencial

E o papel dos presbíteros?

- Presbíteros = conselho de administradores

Nesse modelo, a atuação dos presbíteros é parecida com a dos membros de um conselho de administradores: eles contratam o(s) pastor(es) para fazer e liderar o trabalho do ministério; depois, fazem reuniões com o conselho para avaliar o ministério, supervisionar as finanças e estabelecer as políticas. Os pastores apresentam novas formas de atuação e os presbíteros as aprovam ou rejeitam. Os pastores ministram e os presbíteros dirigem.

Uma falha desse modelo de presbiterato é não incorporar uma verdade bíblica fundamental: presbíteros também são pastores.

PRESBÍTERO = PASTOR

De alguma forma, em algum momento do percurso, começamos a diferenciar pastores de presbíteros, os profissionais ministeriais assalariados dos administradores não remunerados. O Novo Testamento, no entanto, não faz essa distinção.

O que é mesmo um pastor? A palavra grega *poimen*, traduzida por “pastor”, significa “aquele que apascenta/pastoreia”. *Poimen* pode referir-se a quem apascenta em sentido literal, como os pastores encontrados nos campos, no relato natalino de Lucas. Com muito mais frequência, porém, *poimen* se refere a Jesus, nosso Bom Pastor. Existe um verbo correlato, *poimaino*, que significa “pastorear” ou “apascentar um rebanho”. Assim, o pastor é quem apascenta, e pastorear significa cuidar do rebanho. Não surpreende que o vocábulo português “pastor” provenha da palavra latina “pastor”, que significa... apascentador!

Esta parte é crucial: o Novo Testamento aplica esse substantivo e as formas verbais de “pastor” — bem como o imaginário mais amplo do pastorado — para descrever *os presbíteros e seu trabalho*. Observe as passagens a seguir, nas quais italicizei os lugares em que *poimaino* e *poimen* são traduzidas para o português.

Paulo adverte os presbíteros da igreja de Éfeso:

Olhai, pois, por vós, e por todo o rebanho sobre que o Espírito Santo vos constituiu bispos, para *apascentardes* a igreja de Deus, que ele resgatou com seu próprio sangue (At 20.28, ACF).

De modo semelhante, Pedro escreve:

Aos presbíteros, que estão entre vós, admoesto eu, que sou também presbítero com eles, e testemunha das aflições de Cristo, e participante da glória que se há de revelar: *Apascentai* o rebanho de Deus, que está entre vós, tendo cuidado dele, não por força, mas voluntariamente; nem por torpe ganância, mas de ânimo pronto; Nem como tendo domínio sobre a herança de Deus, mas servindo de exemplo ao rebanho. E, quando aparecer o Sumo *Pastor*, alcançareis a incorruptível coroa da glória (1Pe 5.1-4, ACF).

As palavras de Pedro parecem reminiscências do que Jesus lhe disse após a ressurreição: “... *Apascenta* os meus cordeiros” e “... *Apascenta* as minhas ovelhas” (Jo 21.15,16, ACF).

E o que dizer dos oficiais concedidos por Jesus como dons à sua igreja? Paulo lista apóstolos, profetas, evangelistas e depois “*pastores* e mestres” (Ef 4.11). A gramática grega deixa claro que os termos “pastor” e “mestre” andam juntos para descrever um só ofício ou papel. Portanto, os pastores, ou apascentadores, da igreja são também seus mestres. E, como já vimos, o ensino é o cerne do ofício do presbítero.

O VERDADEIRO NEGÓCIO

Um de meus amigos que serviu como presbítero leigo me disse: “Uma das coisas mais difíceis em ser um presbítero foi crer que eu era um pastor *de verdade*”. A Bíblia, porém, não poderia ser mais clara. Se você é um presbítero em sua igreja, também é um pastor genuíno, tanto quanto o pastor remunerado.

Talvez você ainda tenha dúvidas. Será que não existem diferenças entre os homens “especiais” que servem como pastores assalariados profissionais e os homens “comuns” que têm outro trabalho, mas que se oferecem como voluntários ao presbíterato? Sim, há diferenças. Por exemplo, de modo geral os pastores remunerados têm mais instrução teológica formal, mais tempo durante a semana para servir e, portanto, mais experiência no pastorado, no ministério da igreja e no ensino. Também é provável — embora não seja necessariamente o caso — que os pastores assalariados tenham mais dons referentes ao cuidado pastoral ou à pregação, razão pela qual foram contratados pelas igrejas para ministrar em tempo integral.

Porém, só porque o pastor remunerado pode ter mais disponibilidade, instrução formal ou dons, isso não quer dizer, pela lógica (ou pela Bíblia), que o presbítero leigo seja menos que um pastor de verdade. Os bombeiros voluntários enfrentam as mesmas chamadas que os bombeiros remunerados, e os presbíteros voluntários encaram os mesmos desafios do pastorado que os pastores leigos. Os presbíteros leigos podem honrar os pastores vocacionados como os “primeiros entre os iguais”;¹ no entanto, ainda assim são iguais.

UM MODELO REVOLUCIONÁRIO

À luz disso tudo, se tivéssemos de resumir a função do presbítero, poderíamos apenas dizer: “pastorear o rebanho”. Se você conseguir se lembrar de apenas um ponto deste livro, então que seja o seguinte: presbíteros são pastores/apascentadores, e sua função principal é cuidar dos membros da igreja como os pastores cuidam das ovelhas. Sendo mais

preciso, presbíteros são pastores subordinados que servem ao Bom Pastor conduzindo as ovelhas *dele*.

Afinal, o “pastorado” consiste em quê? Como ele funciona na prática? Os capítulos seguintes analisarão as várias dimensões do pastorado. Falaremos acerca de seus vários aspectos, como ensino, orientação e oração.

Mas, antes de observarmos o aspecto “prático” da tarefa do pastor, precisamos explorar duas implicações primordiais do modelo “presbítero-pastor”. A compreensão de que presbíteros são pastores, não apenas administradores de organizações sem fins lucrativos, pode revolucionar o ministério de nossos presbíteros pelo menos de duas principais formas.

TENHA CHEIRO DE OVELHA

A primeira implicação revolucionária do modelo “presbítero-pastor” é que os presbíteros devem *se relacionar com os membros da igreja*.

Pare por um momento e visualize um pastor literal. Talvez você já tenha visto um em ação no interior, pessoalmente ou em filmes. Pode ser que você nunca tenha visto um, mas pode ter lido bastante a respeito de pastores na Bíblia, a ponto de ser capaz de elaborar uma imagem mental. O que você vê? Você imagina um fazendeiro guiando o rebanho através de um exuberante pasto verde? Talvez imagine um beduíno com um cajado conduzindo um cordeiro em direção a um curral feito de pedras. Ou talvez você recite o salmo 23 e visualize um pastor fazendo a ovelha deitar-se em pastos verdejantes e beber em águas tranquilas.

O que quer que imaginemos, haverá provavelmente uma característica comum às nossas imagens mentais. Em todas elas, o pastor está *entre* as ovelhas. Ele não se encontra em nenhum outro lugar. Ele anda no meio dos animais, tocando neles e falando com eles. Ele os conhece porque vive com eles. Em consequência disso, ele até cheira a ovelhas.

Em vez de visualizar pastores literais, apenas pense em Jesus. Nos Evangelhos, encontramos Jesus constantemente *entre* as pessoas. Excetuando-se períodos de oração em particular, parece que Jesus usou todo o seu tempo com os discípulos, fato ocorrido também com a multidão. Ele tocava, ensinava e treinava pessoas onde quer que fosse. O Bom Pastor não só deu a vida pelas ovelhas, ele também passou a vida com elas.

Da mesma forma que os pastores literais vivem entre os rebanhos e conhecem suas ovelhas, e do mesmo modo que Jesus se lançava no relacionamento com os discípulos, assim os presbíteros partilham a vida com os membros da igreja. Eles enxergam as pessoas como seu ministério. Os capítulos seguintes abordam vários componentes do presbiterato, mas todos eles presumem que os presbíteros vivam em relacionamentos próximos com seus irmãos e irmãs.

Tomemos, agora, um exemplo: a hospitalidade. Como vimos no capítulo anterior, as duas listas de qualificações dos presbíteros escritas por Paulo requerem que o homem desejoso de assumir esse papel seja hospitaleiro (1Tm 3.2; Tt 1.8). Por que essa ênfase na hospitalidade? A hospitalidade não só revela um coração generoso e uma atitude de servo, mas também mostra que o aspirante a bispo deseja estar com as pessoas e procura formas de recebê-las bem em sua vida. É de esperar que um homem hospitaleiro designado pela igreja como presbítero queira estar entre as pessoas.

Os bispos que atuam de acordo com o modelo “presbítero administrador”, ao contrário, não precisam ficar no meio das pessoas. Podem participar de reuniões mensais e debates internos, votar e depois regressar para casa com a sensação de dever cumprido. Quando esse modelo predomina, os presbíteros não precisam sujar as mãos na luta com o que dizer ao membro da igreja desanimado por estar desempregado há catorze meses, ao irmão que luta contra a tentação de recair no uso de

heroína ou à irmã que está namorando seriamente com um homem incrédulo e não vê qualquer problema. Eles pensam: “Não contratamos o pastor para lidar com toda essa confusão?”.

Você pode, de fato, ter chamado o pastor tendo essas responsabilidades em mente. Mas, sendo um presbítero leigo, já é tempo de interagir com o rebanho, junto com os pastores remunerados, e colocar a mão na massa, pastoreando sinceramente a si mesmo.

VOCÊ ESCOLHEU O HOMEM ERRADO PARA O SERVIÇO!

A interação com outras pessoas parece intimidadora?

Talvez você esteja pensando: “Não sou bom em lidar com pessoas. Sinto-me melhor com números, computadores ou ferramentas elétricas. Sou introvertido. Fiz um teste de personalidade que comprovou meu palpite. Para ser sincero, não sou muito sociável”.

Você não precisa ser extrovertido nem o centro das atenções para se conectar com os membros da igreja; só precisa amá-los. Tome a iniciativa e comece uma conversa antes do culto com aquela viúva idosa que não fala muito, convide o casal que passa por dificuldades para jantar ou inicie um estudo bíblico e convide alguns membros da igreja menos comprometidos. As pessoas conhecem o amor e a preocupação reais quando os veem, ainda que procedam de alguém tímido ou com “uma embalagem um pouco estranha”. O amor passa por cima de todos os tipos de obstáculos.

Talvez você também hesite quando se trata de ministrar como pastor aos membros. Talvez tema se envolver com os problemas das pessoas e piorar as coisas com tentativas desastradas de ajudar. Sem graduação em aconselhamento nem formação teológica, quem é você para começar a agir como pastor?

Para ser claro, não estou insinuando que qualquer um que simplesmente deseje ser presbítero se encontra qualificado. Estou dizendo que homens qualificados não devem se desqualificar sem necessidade, por

temerem ser incapazes de resolver as dificuldades da vida de outras pessoas.

Seguem algumas breves ideias sobre como cuidar de pessoas que estão enfrentando grandes problemas:

- Deus estabeleceu os presbíteros em sua Palavra e ele sabe o que faz.
- Jesus pode agir por meio de você.
- Pastorear não se refere essencialmente a resolver os problemas das pessoas (mais sobre isso adiante).
- É provável que você tenha mais conhecimento bíblico para compartilhar do que imagina.
- Você sempre poderá pedir ajuda, de Jesus e de outras pessoas.

FAZENDO A TRANSIÇÃO DEVAGAR

Há uns trinta anos, a igreja batista na qual eu servia chamou um ministro presbiteriano para ser o pastor sênior. Ele era um expositor bíblico muito capacitado que atraiu multidões e influenciou a vida de muitas pessoas com o evangelho. Mas ele fez algo além que continuou abençoando nossa igreja anos depois de sua partida: ele levou nossa congregação a adotar o modelo de governo de presbíteros.

Na época em que me uni à igreja, ela contava com presbíteros havia mais de uma década. No entanto, à medida que estudávamos o presbiterato bíblico com mais seriedade, tornou-se evidente que nós, presbíteros, estávamos em falta. Gastávamos a maior parte de nossa energia agindo como administradores de uma organização e uma parte muito pequena dela pastoreando o povo. Então começamos pouco a pouco a mudar o foco para o pastorado. Ainda temos nossas reuniões mensais e ainda atuamos como administradores (repito, esse é um componente do papel do presbítero na vida da igreja). Mas também temos tentado passar mais tempo com os membros da igreja.

Por exemplo, mais de um ano atrás, dividimos a lista crescente de membros da igreja entre os presbíteros e a seguir estabelecemos a meta de nos encontrarmos com cada um da lista pelo menos uma vez por ano. Tratava-se de um pequeno passo, uma pequena correção, mas mesmo esse pequeno passo deu fruto de imediato. Os membros não só responderam com apreço como também se tornaram mais dispostos a partilhar a vida com os presbíteros. Os presbíteros consideraram esse tipo de ministério pastoral desafiador, mas também muito recompensador. Além disso, senti-me aliviado por ter uma equipe maior para ajudar a carregar o peso de uma congregação em crescimento.

Ainda temos um longo caminho a percorrer. Mas nossos presbíteros cheiram cada vez mais a ovelhas.

QUAL É O OBJETIVO?

Vamos recapitular: presbíteros são pastores, ou “apascentadores”. A metáfora do pastorado traz implicações significativas para o ministério do presbítero. Em primeiro lugar, sugere que seu trabalho se dá principalmente no relacionamento com os membros da igreja. Tem mais a ver com pessoas do que com programas.

No entanto, a ilustração do pastorado não nos diz apenas *em que área* de atuação se dá o trabalho do presbítero — ou seja, nos relacionamentos —, ela também nos diz *por quê*. Por que os presbíteros deveriam conviver com os membros e partilhar a vida com eles? O que estão tentando alcançar? O objetivo é meramente dar à igreja um ambiente mais amistoso ou familiar?

Eis a segunda implicação revolucionária do modelo de pastorado: os presbíteros ministram objetivando o *crescimento dos membros da igreja na maturidade cristã*.

Visualize o pastor mais uma vez. Imagine-o cumprindo suas tarefas diárias entre as ovelhas: alimentar o rebanho, conduzi-lo através do vale,

protegê-lo dos animais selvagens, cuidar de uma pata ferida ou sair em busca de uma ovelha desgarrada. Por que o pastor faz essas coisas? Qual é o propósito ou o objetivo? Ovelhas adultas. O pastor labuta dia após dia a fim de produzir ovelhas adultas saudáveis que se reproduzam.

Os presbíteros não têm um objetivo equivalente? Eles se esforçam para estabelecer relacionamentos com os membros da igreja a fim de ajudá-los a crescer em Cristo. Os bispos ensinam, oram e servem para que seus irmãos e irmãs possam conhecer Jesus de forma mais íntima, obedecer-lhe com mais fidelidade e refletir seu caráter de modo mais nítido, tanto individualmente quanto na família da fé. Além disso, os crentes saudáveis e maduros se multiplicam espiritualmente ao partilhar o evangelho com outras pessoas e ao ajudá-las a crescer em Cristo.

Paulo nomeia a maturidade de modo explícito como objetivo do ministério pastoral:

E ele designou uns como apóstolos, outros como profetas, outros como evangelistas, e ainda outros como pastores e mestres, tendo em vista o aperfeiçoamento dos santos para a obra do ministério e para a edificação do corpo de Cristo; até que todos cheguemos à unidade da fé e do pleno conhecimento do Filho de Deus, ao estado de homem feito, à medida da estatura da plenitude de Cristo (Ef 4.11-13).

Quando os presbíteros desempenham bem suas obrigações, os crentes não são “mais [...] como crianças”; em vez disso, crescem “em tudo naquele que é a cabeça, Cristo” (v. 14,15). Os presbíteros devem se esforçar para dizer, como Paulo: “A ele anunciamos, aconselhando e ensinando todo homem com toda a sabedoria, para que apresentemos todo homem perfeito em Cristo” (Cl 1.28).

ADMINISTRANDO A MÁQUINA

Compare mais uma vez a mentalidade do pastorado com o modelo do “presbítero administrador” para perceber as diferenças. Quando os

presbíteros se veem primeiramente como membros de um conselho de administradores, entendem que seu propósito é administrar os elementos organizacionais da igreja. O “sucesso” significa manter a contabilidade no azul, zelar pelas instalações e patrocinar programas e eventos de alta qualidade e boa frequência. Os presbíteros administradores são tentados a estabelecer como prioridade o cuidado com a máquina em vez de o amadurecimento dos membros.

Já destacamos que a infraestrutura organizacional da igreja — orçamentos, processos, programas, instalações e funcionários — *são importantes*. A administração eficiente é um ministério e um dom espiritual útil ao corpo todo e libera os presbíteros para o pastorado. Se pensarmos um pouco, veremos que a organização tornou possível que Moisés, no Antigo Testamento, e os apóstolos, no Novo Testamento, cumprissem seu chamado, e o povo de Deus foi abençoado com o resultado (Êx 18.13-27; At 6.1-7). Mesmo como pastores que se relacionam com as ovelhas, os presbíteros carregam a responsabilidade geral de superintender a infraestrutura organizacional da igreja.

Mas a questão essencial é: a organização deve sempre servir ao organismo. Programas e processos fornecem, no máximo, instrumentos para a realização da missão de ajudarmos uns aos outros no amadurecimento em Cristo.

Minha experiência tem sido a de que os presbíteros gravitam com mais facilidade em torno da máquina do que em torno dos membros, mais à volta da treliça do que da vinha,² dedicando mais diálogo e esforços ao bom andamento da logística do que ao desenvolvimento das pessoas. Não estou totalmente certo por que isso acontece. Talvez seja porque programas e políticas são coisas administráveis, que podem ser planejadas e realizadas, ao passo que ajudar pessoas a crescer em Cristo pode ser algo desordenado, não linear e demorado. Na verdade, pastorear pessoas nunca é uma tarefa realizada de forma plena na vida, e não podemos controlá-la.

Os presbíteros devem resistir à tendência que os leva a tornar-se meros administradores de uma organização e, em vez disso, manter a bússola congregacional apontada para a maturidade em Jesus. Para ajudá-lo nisso, proponha uma ou duas das seguintes perguntas a serem discutidas na sua próxima reunião de presbíteros:

- De que maneira nossa congregação reflete mais o caráter de Jesus? De que maneira não o refletimos?
- Existem conflitos não resolvidos na igreja nos quais os presbíteros poderiam tentar mediar a reconciliação?
- Conhecemos membros que se desviaram e se encontram em pecado flagrante ou que simplesmente abandonaram a comunhão regular com a igreja? Quem está em contato com eles?
- Quais livros da Bíblia ou quais doutrinas teológicas os membros precisam estudar no ano vindouro? Por quê?
- Os membros da igreja sabem evangelizar e discipular outras pessoas? Eles estão fazendo isso?
- Somos uma igreja de oração?

PASSANDO O MANTO

Quando Jesus partiu para o céu, ele deu estas instruções finais a seus seguidores:

Portanto, ide, fazei discípulos de todas as nações, batizando-os em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo; ensinando-lhes a obedecer a todas as coisas que vos ordenei; e eu estou convosco todos os dias, até o final dos tempos (Mt 28.19,20).

Jesus disse aos discípulos que fizessem o que ele havia feito com eles nos poucos anos anteriores. Ele os reuniu, separou-os para si e fez com que crescessem ao lhes ensinar seus mandamentos. O Bom Pastor não apenas entregou a vida por essas ovelhas, mas também viveu entre elas e as transformou. Jesus fez discípulos: pessoas que o amavam, lhe obedeciam e contavam a outras pessoas a respeito dele.

Agora Jesus estava enviando esses discípulos para fazerem discípulos. Os apóstolos iriam assumir o manto do pastorado de Jesus e chamar mais seguidores para Cristo, reuni-los nas igrejas e ajudá-los a crescer por meio do ensino.

Depois que os apóstolos estabeleceram as congregações locais de discípulos, eles também passaram adiante o manto do pastorado relacional e maduro. A quem eles o passaram?

Aos presbíteros das igrejas!

¹Para uma análise útil sobre esse conceito, veja Alexander Strauch, *Biblical eldership: an urgent call to restore biblical church leadership* (Littleton: Lewis and Roth, 1995), p. 45-50.

²Veja Colin Marshall; Tony Payne, *The trellis and the vine: the ministry mind-shift that changes everything* (Kingsford, Australia: Matthias Media, 2009).

SIRVA À PALAVRA

Acho que os presbíteros estavam chocados.

Nós nos reunimos no retiro anual de presbíteros a fim de discutir os objetivos para o ano vindouro, bem como para rever a descrição bíblica do ofício dos bispos. Quando o tópico do ensino surgiu, propus um desafio: “Em algum momento do ano, quero que dois presbíteros preguem nos cultos matinais de domingo”.

Embora os presbíteros leigos preguem em algumas congregações, nossa igreja sempre reservou os sermões das manhãs de domingo aos pastores remunerados. Pregadores leigos, apenas em caso de emergência. Por isso, não foi muito surpreendente que os presbíteros reagissem ao meu desafio com os olhos arregalados e algumas risadas de nervosismo.

Mas eu não estava tentando escandalizar ninguém. Só queria encaminhá-los na direção do chamado bíblico que eles receberam para ensinar a Palavra. Se os presbíteros pastoreiam as ovelhas de Jesus, então sua tarefa mais básica é alimentar a alma dos membros da igreja com as Escrituras. Sem alimento, as ovelhas se enfraquecem e morrem, e, sem alimentação regular mediante o ensino bíblico, os cristãos ficam espiritualmente famintos.

Provavelmente, o que destaca os presbíteros na igreja local, mais do que qualquer outra tarefa, é o ensino. Vimos no capítulo 1 que os presbíteros qualificados devem ser aptos para ensinar (1Tm 3.2). É importante notar que as listas com as qualificações para presbíteros e diáconos escritas por Paulo em 1Timóteo 3 são bastante parecidas, com exceção de uma diferença singular: os presbíteros devem ser aptos para ensinar a Palavra,

ao passo que para os diáconos não há essa exigência. Ambos, presbíteros e diáconos, precisam ter o caráter semelhante ao de Cristo, mas apenas dos presbíteros é exigido que apresentem a habilidade de explicar e aplicar a Bíblia.

No capítulo 2, meditamos sobre a verdade de que presbíteros são pastores, ou apascentadores. Quando Paulo lista vários ofícios concedidos à igreja por Jesus, ele mescla pastorado com ensino: “E ele designou uns como apóstolos, outros como profetas, outros como evangelistas, e ainda outros como pastores e mestres” (Ef 4.11).

Observe duas coisas. Primeira: todos esses oficiais comunicam a Palavra de Deus. Os apóstolos são testemunhas oculares que proclamam e registram as palavras e os atos de Jesus. Os profetas entregam palavras diretas do Senhor. Os evangelistas anunciam o evangelho. Da mesma forma, os pastores ensinam nas igrejas locais. Isso conduz à segunda observação: as palavras *pastor* e *mestre*, nesse versículo, seguem juntas. Em grego, um artigo definido rege os dois substantivos, sinalizando que eles modificam um ao outro. Assim, a expressão “pastores e mestres” não se refere a dois papéis, mas a apenas um, o de “pastor-mestre”.

DEUS GOVERNA POR MEIO DE SUA PALAVRA

O fato de Deus ordenar que os presbíteros ensinem a seus irmãos não deve nos surpreender. Ele governa os seus por meio de sua Palavra; portanto, aos líderes do povo de Deus sempre foi confiada a transmissão da Palavra divina.

Deus fez promessas a Abraão, Isaque e Jacó, os quais, por sua vez, incentivaram seus clãs a confiar nessas promessas e a ser obedientes a Deus. Ele entregou os termos da aliança a Moisés, que os ensinou a Israel (Dt 4.1). Moisés ordenou que os pais em Israel pastoreassem os filhos ao lhes ensinar a Lei (Dt 4.9; 6.4-25), mandamento repetido aos pais crentes da igreja cristã (Ef 6.4). Em Israel, os sacerdotes não apenas ofereciam

sacrifícios, eles também ensinavam ao povo os decretos de Deus (Lv 10.10,11; 2Cr 15.3; 17.7-9). Deus guiou seu povo e o corrigiu ao lhe enviar profetas que anunciavam: “Assim diz o Senhor”. Esperava-se que até mesmo o rei de Israel fosse um estudante aplicado da lei divina (Dt 17.18-20).

Então veio Jesus. Nosso Bom Pastor era, antes de qualquer outra coisa, um pregador poderoso. Quando viu uma grande multidão, “teve compaixão dela, pois eram como ovelhas que não têm pastor”. O que ele fez para suprir a necessidade dessas ovelhas de ter um pastor? “... começou a ensinar-lhes muitas coisas” (Mc 6.34). Os quatro Evangelhos estão repletos de parábolas, interpretações, exortações e diálogos de Jesus. Jesus é a Palavra encarnada (Jo 1.1,14), que cumpriu todas as predições do Antigo Testamento (Mt 5.17; Lc 24.25-27,44-47) e difundiu a Palavra de Deus por meio de seu ministério público.

Após a ressurreição, Jesus entregou seu ministério de ensino e proclamação aos apóstolos (Mt 28.19,20). Da mesma forma que os ensinamentos de Jesus estão contidos nos Evangelhos, também os ensinamentos dos apóstolos estão contidos no livro de Atos dos Apóstolos e nas Epístolas. E, quando os apóstolos fizeram discípulos mediante a pregação e os reuniram em igrejas, designaram presbíteros para cada igreja e confiaram a eles a doutrina apostólica (At 14.23).

Pare um momento e maravilhe-se nisto. Jesus está vivo. Ele reina desde o céu e governa a igreja em que você está. Ele exerce sua autoridade régia nessa igreja por meio das Escrituras. Os súditos de Jesus lhe obedecem hoje ao obedecerem às Escrituras. Assim, se você é um presbítero, ao pregar a Palavra com fidelidade, Jesus ministra de maneira soberana a seus súditos por intermédio de seu ensino.

PARTICIPE DO ENSINO

Na prática, o que isso significa para os presbíteros? Quais são as implicações para a atuação do presbítero? Creio que sejam duas. A primeira deveria ser óbvia: os presbíteros devem *participar* do ministério de ensino da igreja. Se você é um presbítero, ocupe-se de expor a Bíblia.

Entretanto, muitas vezes os presbíteros evitam ensinar. Até presbíteros qualificados, aptos para ensinar a Palavra, recuam quando surgem oportunidades de instruir. Isso acontece por várias razões, sendo a mais comum o senso de inadequação. Os presbíteros leigos comparam sua habilidade natural, sua capacidade de ensino e seu treinamento teológico com os do(s) pastor(es) remunerado(s) e às vezes acabam ficando desencorajados. Eles pensam: “Por que os membros da igreja iriam querer ouvir algo de um amador como eu quando há profissionais na equipe?”. Além disso, muitas vezes os bispos leigos trabalham muitas horas fora da igreja, de modo que lhes falta tempo para preparar aulas. Quem quer servir às ovelhas uma refeição malfeita?

Contudo, se você é um presbítero, você é um mestre. Portanto, não deixe que esses temores e frustrações lhe impeçam de ensinar. Ao contrário, sinta-se encorajado a executar seu chamado com o melhor de sua capacidade e de seus recursos.

Outro incentivo é que o ensino pode ocorrer em diversas situações. Ele não está confinado ao sermão matinal do culto de domingo. Os presbíteros podem alimentar o rebanho em reuniões maiores ou em ambientes mais íntimos. Você pode ensinar em uma classe da escola dominical, em um grupo caseiro, na escola bíblica de férias para crianças ou como mentor individual. Procure oportunidades de ensino na igreja e apresente-se para ajudar.

Na nossa congregação existe um pequeno grupo de pessoas do Camboja. Entre 1981 e 1982, alguns de nossos membros apadrinharam a vinda desse grupo aos Estados Unidos durante uma crise local de refugiados. Vários deles se tornaram crentes e membros da igreja. Há para

eles uma classe de escola dominical cuja língua oficial é o *khmer*, idioma falado no Camboja. Fico emocionado ao ver, ao longo dos anos, os presbíteros ministrando a essa classe por meio de um intérprete; eles perceberam a necessidade e ultrapassaram a barreira cultural e linguística para alimentar o rebanho.

Sinta-se encorajado também pelo fato de que o dom do ensino se manifesta em intensidades e formas diversas. Se lhe falta a capacidade de manter a atenção de uma grande congregação por 45 minutos, isso não significa que você deve abdicar do chamado para o ensino. Pare com as comparações infrutíferas e descubra como usar os dons, as experiências de vida e a personalidade que Deus lhe concedeu.

Michael, um membro de minha igreja, sentia compaixão por pessoas afligidas durante muitos anos pela escravidão a vícios pecaminosos, principalmente porque Jesus o havia resgatado da culpa e do poder da dependência química. Por isso, ele deu início a um “estudo bíblico para dependentes”. Tudo o que ele fazia era um estudo bíblico. Michael não usava nenhum programa de recuperação, apenas ensinava a Bíblia. A diferença é que sua experiência de vida e sua compaixão o capacitaram a se conectar com homens que lutavam contra a dependência química de uma forma diferente do que eu faço quando prego normalmente aos domingos. Michael nem era presbítero, e seu exemplo nos mostra como Deus usa nossa variedade de experiências de vida para ensinar a Palavra.

Por fim, sinta-se estimulado pelo fato de os mestres poderem se aprimorar. Todo mestre deve seguir as instruções de Paulo a Timóteo:

Enquanto aguardas a minha chegada, aplica-te à leitura, à exortação e ao ensino. Não deixes de desenvolver o dom que há em ti, que te foi dado por profecia, com a imposição das mãos dos presbíteros. Ocupa-te dessas coisas, dedica-te inteiramente a elas, para que todos possam ver teu progresso (1Tm 4.13-15).

Deus chama seus mestres para que demonstrem progresso, não perfeição. Não se compare com outras pessoas; em vez disso, compare suas

aulas com as do ano passado ou de cinco anos atrás e descubra em que áreas houve aperfeiçoamento. Melhoramos quando nos ocupamos “dessas coisas” (isto é, “leitura”, “exortação” e “ensino”) e quando nos dedicamos “inteiramente a elas”.

Portanto, aproveite as oportunidades que surgirem para ensinar. Esforce-se. Se houver homens com bagagem teológica na igreja, peça-lhes recomendações de livros para fortalecer os pontos fracos de seu conhecimento. E peça a outros mestres e presbíteros para ouvirem suas aulas e depois fazerem comentários.

Se o pastor que prega com regularidade lhe perguntar se você pode pregar um sermão no domingo de manhã, arrisque-se e diga: “Sim!”.

PROTEJA O ENSINO

Existe outra dimensão relativa aos esforços do presbítero para ensinar. O bispo não só participa da tarefa de ensinar, ele também deve proteger a igreja dos falsos ensinamentos. Deve saber realizar ataque e defesa doutrinários, mantendo-se “firme na palavra fiel, conforme a doutrina, para que seja capaz tanto de exortar na sã doutrina quanto de convencer os seus opositores” (Tt 1.9).

Os predadores caçam ovelhas. Da mesma forma que os pastores espantam leões e lobos, assim os presbíteros devem afugentar os falsos mestres. Paulo alertou os presbíteros de Éfeso:

Eu sei que, depois da minha partida, lobos cruéis entrarão no vosso meio e não pouparão o rebanho, e que dentre vós mesmos se levantarão homens falando coisas distorcidas para atrair os discípulos para si. Portanto, estai atentos, lembrando-vos de que durante três anos não cessei, dia e noite e com lágrimas, de aconselhar cada um de vós (At 20.29-31).

Paulo deve ter tido uma preocupação especial em relação ao falso ensino em Éfeso, pois na carta à igreja ele voltou a salientar a importância

do ministério de ensino pastoral para que os crentes pudessem crescer e resistir às pressões e às seduições da falsa doutrina. Quando o ensino sadio faz seu trabalho, deixamos de ser “inconstantes como crianças, levados ao redor por todo vento de doutrina, pela mentira dos homens, pela sua astúcia na invenção do erro” (Ef 4.14).

Estratégias para manter a vigilância

Opor-se ao falso ensino exige vigilância. Os presbíteros precisam estar atentos em relação a pessoas ou ideias que distorcem o evangelho ou desvirtuam a Bíblia. Vejam três estratégias para manter vigilância sobre seu rebanho.

Conheça o ambiente a seu redor

Comece por estudar o ambiente espiritual ao redor. Conheça as crenças, filosofias e religiões que estão em vigor na comunidade. Os membros de sua igreja entram em contato regular com pessoas dessas religiões? Alguma seita tem forte presença na cidade? Informe-se sobre os principais ensinamentos desses grupos, em especial nos pontos em que eles contradizem o evangelho e a verdade bíblica.

O que dizer dos “-ismos”? O secularismo, o individualismo, o racionalismo ou o relativismo moldam o pensamento das pessoas de onde você vive? Os habitantes locais que passam a frequentar a igreja trarão consigo essas crenças alternativas e atuarão na igreja com base nesses “-ismos” sem sequer perceber que o fazem. Certifique-se de tratar dessas cosmovisões em seus ensinamentos e em suas conversas.

Esteja particularmente atento às distorções do evangelho existentes nas igrejas à sua volta, ou mesmo na sua própria igreja. Elas podem variar do evangelho da prosperidade ao teísmo aberto, do legalismo ao liberalismo teológico. Existem personalidades carismáticas na igreja local arrebanhando seguidores para o evangelho fácil ou para a versão falsificada dos ensinamentos do evangelho? Todos eles podem fazer mal às ovelhas.

Monitore o processo de membresia na igreja

Enquanto explora o horizonte de sua comunidade, não se esqueça de observar o portão da frente do aprisco. Quem está se unindo à sua igreja? Os novos membros sabem o que a igreja ensina? Eles concordam com tais ensinamentos? Você está convicto?

Um processo de membresia criterioso segue um longo caminho para guardar a igreja dos falsos ensinamentos. Os candidatos a membros devem ouvir sobre as crenças da igreja antes de se unir a ela. Meus presbíteros e eu aprendemos com o passar dos anos que algumas peculiaridades teológicas de nossa igreja causam mais azia em algumas pessoas que em outras. Elas incluem o credobatismo, a teologia reformada e o presbiterato masculino. Sendo assim, abordamos intencionalmente essas crenças mais controversas na classe de futuros membros. Se alguém na classe desistir da membresia e sair da igreja por causa dessas posições, agimos gentilmente com essa pessoa durante o processo.

Você também precisará saber em que os futuros membros creem. Considere a realização de entrevistas, feitas pelos presbíteros, com quem pretende se tornar membro da igreja. Pergunte às pessoas diretamente se elas entendem os posicionamentos doutrinários da igreja e se concordam com eles. Algumas igrejas chegam até a pedir que os novos membros assinem a declaração doutrinária da igreja para afirmar o compromisso teológico com a congregação.

Isto nem precisaria ser dito, mas direi mesmo assim: nunca permita que um não membro exerça regularmente uma função de ensino na sua congregação.

Fiscalize seus ministérios

Você sabe o que está sendo ensinado na sua igreja? Use suas credenciais de presbítero para se inteirar das conversas nos encontros de jovens ou sente-se nos fundos em um evento para mulheres. Colabore algumas vezes na escola dominical. Que tipo de alimento espiritual as pessoas estão

recebendo? Pode-se dizer que é nota 10 em evangelho ou é deturpação teológica? Ouça a música da sua congregação com discernimento. Que mensagens as letras ensinam sobre Deus, o evangelho ou a salvação? Sua música apoia ou subverte a doutrina?

Fiscalize até descobrir a causa principal. O bom pastorado ocorre quando os presbíteros estão sintonizados com o povo. O que os membros estão lendo? Eles seguem certos pregadores da Internet? Se as pessoas estiverem empolgadas com algum livro e o estão repassando para outros membros da igreja, seria bom que você o lesse.

Se você encontrar um líder de estudo bíblico, um professor de escola dominical ou alguém que fale de modo persuasivo discordando da sua doutrina, dirija-se a essa pessoa sem rodeios. Não permita que a situação se complique. As coisas não vão melhorar por conta própria. Os apóstolos lançaram as mais duras acusações contra os falsos mestres (2Pe 2; 2Jo 7-11; Jd 5-11), e Jesus fez terríveis advertências às igrejas que lhes deram apoio (Ap 2.14-16,20-23).

Identifique a verdade

Talvez a coisa mais importante que os presbíteros possam fazer para se proteger do falso ensino seja conhecer a autêntica verdade bíblica. Ao se manterem firmes “na palavra fiel, conforme a doutrina”, os presbíteros são capazes de “convencer os seus opositores” (Tt 1.9). As heresias e as meias verdades sobejam, mas há uma única verdade. Quanto mais você conhece sua Bíblia, mais é capaz de detectar até o falso ensino mais sutil.

Havia uma igreja cujos líderes perceberam que o pastor havia se afastado do evangelho. O pastor era inteligente e contava com mais educação formal que os líderes, e aparentemente poderia provar seu posicionamento com base nas Escrituras. No entanto, mesmo com sua escolaridade superior e sua eloquência, o novo ensino não foi adotado pelos líderes locais. Eles não o reconheceram como a mensagem fiel que haviam aprendido, ainda que não fossem capazes de vencer o debate

contra o ministro nem identificar com precisão em que ponto ele estava equivocado. O pastor foi confrontado e, mais tarde, deixou a igreja.

Não é preciso ter formação acadêmica para proteger a doutrina da igreja, basta ter coragem e fé.

PERPETUE O ENSINO

Este capítulo é um apelo aos presbíteros para que participem da divulgação da sã doutrina e a protejam. Talvez você já o faça. Na verdade, pode até ser que você seja um mestre no ensino, capaz de desatar os nós teológicos mais complexos e vencer os falsos mestres mais ágeis. No entanto, ainda há um grande problema que seu ministério de ensino enfrenta: você morrerá.

Quando morrer, você deixará, pela graça de Deus, muitos cristãos bem instruídos. Mas será que deixará também professores qualificados para continuar o trabalho? Em outras palavras, você tomou as providências para treinar outros irmãos? Parte do ensino da igreja é treinar futuros pastores-mestres. Como Paulo disse a Timóteo: “O que ouviste de mim, diante de muitas testemunhas, transmite a homens fiéis e aptos para também ensinarem a outros” (2Tm 2.2).

Você já reparou em algum irmão na igreja que possa ser um mestre ou presbítero? Considere a possibilidade de reunir-se com ele regularmente para ler material teológico ou estudar a Bíblia. Você pode levá-lo como um tipo de aprendiz ao estudo bíblico de sua casa ou à classe da escola dominical em que você ensina. Mostre-lhe seu processo de desenvolvimento de uma lição, deixe-o ensinar e depois faça comentários sobre o desempenho dele. Repita o processo.

APERTE O CINTO

Kevin foi um dos presbíteros que aceitou meu desafio para pregar um sermão na manhã de domingo. Pouco tempo depois de concordar com a tarefa, ele me disse que sentia uma responsabilidade cada vez maior de

alcançar sua cidade para Jesus e se perguntava se Deus o estava chamando para ajudar a iniciar uma igreja ali. Ele é professor de ensino médio na cidade e treinador de corredores e de um time de futebol. Kevin conhece literalmente centenas de pessoas da comunidade. Que pessoa talhada para ajudar a implantar uma igreja nesse local! A ideia de que ele poderia pregar em uma manhã de domingo deu nova vida a esse sonho.

Atualmente Kevin está fazendo um estágio cujo foco na nossa igreja é a pregação. Está estudando pregação bíblica em um curso on-line do site Simeon Trust e também tem aproveitado oportunidades constantes para ensinar e ouvir avaliações sobre seu ensino. Não sei quais serão os próximos passos ou se ele ajudará a implantar uma nova igreja. Tudo isso está nas mãos de Deus. Mas vejo de fato um presbítero sendo guiado em seu chamado para ensinar, fazendo progressos e ousando sonhar alto em prol do evangelho.

DETECTE OS DESGARRADOS

Um fenômeno muito comum nas igrejas é um membro deixar de aparecer nos cultos dominicais. Passam-se algumas semanas, depois alguns meses, até que alguém perceba. Isso pode acontecer com mais facilidade em igrejas grandes, mas pode ocorrer também em igrejas pequenas.

Os membros de minha congregação chamam esse fenômeno de “cair por entre os vãos”. Eles dizem algo parecido com: “Você tem visto Sally ultimamente na igreja? Espero que ela não tenha caído por entre os vãos”. Mas é isso que acontece? É mesmo parecido com cair por entre os vãos? Essa descrição compara a igreja a uma casa na árvore bem distante do chão, com espaços enormes entre as tábuas de madeira do assoalho. Às vezes, um membro deixa de prestar atenção, cai no buraco e desaparece num piscar de olhos. Os membros das igrejas deixam suas comunidades de forma abrupta, acidental e sem qualquer pista para que as pessoas percebam?

E se, em lugar de “cair por entre os vãos”, usarmos uma figura diferente, como “desgarrar-se do rebanho”? Essa imagem parece mais adequada por pelo menos duas razões. Primeira, o ato de “desgarrar-se” implica que o membro da igreja que se afastou carrega uma responsabilidade pessoal de permanecer envolvido com a congregação. As ovelhas normalmente não deixam o rebanho de forma inadvertida para despencar no vazio. Elas vagueiam durante um tempo por uma série de escolhas.

Segunda, a imagem da ovelha desgarrada também sugere que alguém deveria vigiar o rebanho e agir quando a ovelha começasse a caminhar para longe. Sim, cada membro tem uma responsabilidade pessoal de não se afastar, mas todos os membros da igreja têm o dever de cuidar uns dos

outros. Entretanto, um grupo em particular tem a obrigação de procurar pelas ovelhas desgarradas: os presbíteros.

MANTENHA A VIGILÂNCIA

No capítulo 3, vimos que os presbíteros guardam o rebanho para se certificarem de que nenhum “lobo” tenha se infiltrado nas congregações com falsos ensinamentos. Mas os presbíteros também vigiam qualquer movimento indesejado na outra direção: membros da igreja se afastando do rebanho e do Senhor. Isso faz parte das funções básicas do pastorado. Os pastores alimentam as ovelhas, protegem-nas dos predadores e as mantêm sob vigilância.

Você se lembra de quando Jacó contou a respeito de seu trabalho árduo de cuidar dos rebanhos de Labão? Ele lamentou o quanto havia se cansado pastoreando as ovelhas de Labão e de como ele prestara contas de cada animal. Na sua queixa, temos um vislumbre do pastorado vigilante e responsável:

Estes vinte anos estive contigo; as tuas ovelhas e as tuas cabras nunca abortaram, e jamais me alimentei dos carneiros do teu rebanho. Eu não trazia para ti o despedaçado, mas arcava com o prejuízo; de mim exigias tanto o furtado de dia como o furtado de noite. E assim eu andava; o calor me consumia de dia, e a geada, de noite; e o sono me fugia dos olhos (Gn 31.38-40).

Em contraste, Ezequiel profetizou contra os líderes de Israel, acusando-os de negligência: “... Ai dos pastores de Israel, que cuidam de si mesmos! Não devem os pastores cuidar das ovelhas?” (Ez 34.2). E qual foi uma das falhas de seu pastorado? “... não fostes procurar a desgarrada e não buscastes a perdida...” (v. 4). Como consequência: “As minhas ovelhas andaram desgarradas por todos os montes e por toda montanha alta; as minhas ovelhas andaram espalhadas por toda a face da terra, sem que ninguém as procurasse ou as buscasse” (v. 6).

Entretanto, Deus anunciou que ele mesmo viria à procura das ovelhas perdidas de seu povo:

Porque assim diz o SENHOR Deus: Eu, eu mesmo, procurarei as minhas ovelhas e as buscarei. Assim como o pastor busca o seu rebanho, no dia em que está no meio das suas ovelhas dispersas, também buscarei as minhas ovelhas... (Ez 34.11,12).

Assim, Deus veio, em Jesus, reunir as ovelhas perdidas em um novo rebanho. Jesus explicou seu ministério aos cobradores de impostos e pecadores, comparando a si mesmo com o pastor que deixa 99 ovelhas “encontradas” a fim de procurar pela perdida (Lc 15.1-7). Ele chamou a si mesmo de o bom pastor, que não só dá a vida pelas ovelhas, mas também trará as “outras ovelhas”, uma referência aos gentios (Jo 10.14-16).

Mais uma vez, é aqui que os presbíteros da igreja entram em cena. Eles servem como pastores subordinados a Jesus, vigiando o rebanho salvo e reunido por ele e seu evangelho. Os presbíteros são chamados apropriadamente de “bispos”,¹ pois “estão cuidando de vós, como quem há de prestar contas” (Hb 13.17). Esse é, em parte, o motivo pelo qual liderar bem a família é uma qualificação do presbítero (veja o capítulo 1). Ser um bom pai requer a supervisão atenta dos filhos e da dinâmica da família, tal como acontece com um bom pastor.

RESPONSÁVEL POR QUEM?

Toda essa conversa sobre supervisão levanta uma questão fundamental: de quem exatamente os presbíteros devem cuidar? Se os presbíteros, assim como Jacó, são pastores que devem prestar contas, então por quem eles são responsáveis perante Deus? Os presbíteros locais certamente não são espiritualmente responsáveis por todos os cristãos do mundo; logo devem ser responsáveis por cuidar apenas de quem frequenta a igreja onde servem. Certo?

Bem, talvez. Os presbíteros arcam com uma responsabilidade espiritual por alguém que tenha ido à igreja uma única vez? Duas vezes? Por quanto tempo e com que regularidade alguém precisa ir ao culto dominical para ser contado “oficialmente” como parte do rebanho supervisionado pelos presbíteros? E se uma pessoa frequentar um estudo bíblico na igreja com regularidade, mas não os cultos? E faz diferença se o frequentador assíduo for crente ou incrédulo?

Parece que o pastorado bíblico demanda uma forma clara de definir o rebanho. Os presbíteros precisam ser capazes de distinguir as pessoas pelas quais prestarão contas como pastores das pessoas com as quais se relacionam como irmãos em Cristo. Dito de outra forma, o presbiterato da igreja requer algum conceito de membresia em igreja.

PRESBITERATO E MEMBRESIA

A membresia em uma igreja realiza duas coisas vitais. Em primeiro lugar, ela *identifica* as pessoas como discípulas de Jesus. Ser membro de uma igreja não torna as pessoas cristãs, mas as marca exteriormente como cristãs. Jesus deu autoridade às igrejas locais para “ligar” e “desligar” (Mt 18.18), para marcar as ovelhas como ovelhas mediante o batismo que as insere na membresia (28.18-20) e para remover a marca por meio da excomunhão (18.15-17). Ao procurar tornar-se membro da igreja, a pessoa se apresenta diante dela e diz: “Sou um discípulo”, e a igreja afirma: “Sim, cremos que você é!” (ou, em raros casos, “Não, não cremos que você seja!”). Na excomunhão, a igreja declara: “Você pode ser um cristão verdadeiro, mas o pecado do qual não se arrepende não nos dá motivo para continuar afirmando que você seja”.

Em segundo lugar, a membresia em uma igreja não apenas identifica as pessoas como cristãs, ela também *reúne* um grupo de crentes identificados em uma congregação específica, na qual eles se comprometem uns com os outros. Os apóstolos fizeram discípulos por meio da pregação do

evangelho e, em seguida, batizaram e reuniram esses discípulos em comunidades locais para que os cristãos pudessem ser ensinados a obedecer aos mandamentos de Jesus. Quando os apóstolos reuniram grupos de discípulos, apontaram presbíteros para liderar e ensinar cada igreja. Como Paulo lembrou a Tito, seu colaborador: “Foi por isso que te deixei em Creta, para que pusesse em boa ordem o que faltava, e que em cada cidade estabelecesses presbíteros, como já te orientei” (Tt 1.5).

Você percebe como o ato de tornar-se membro de uma igreja torna possível todo o projeto de supervisão do presbítero?

Ao identificar e marcar os discípulos de Jesus, a membresia na igreja possibilita ao pastor-presbítero saber quem são, de fato, as ovelhas, para o melhor conhecimento da igreja. E, ao reunir os discípulos em uma congregação, a membresia na igreja auxilia o presbítero a saber quais ovelhas específicas se encontram sob sua supervisão. Ele prestará contas a Deus por *elas* (Hb 13.17). Isso não significa que o presbítero deve ser indiferente ou insensível com a pessoa que não é membro da igreja e frequenta o culto. Antes significa que ele tem um tipo de autoridade e responsabilidade em relação aos membros que não tem em relação aos não membros.

Ser membro de uma igreja também ajuda toda a congregação a se lembrar de que todos são responsáveis uns pelos outros. Os presbíteros devem assumir a liderança na busca das ovelhas desgarradas, mas eles não são os únicos vigias. Membresia significa prestação de contas mútua e preocupação com o corpo todo.

Sua igreja está se interessando de verdade por uma abordagem mais bíblica do presbiterato ou está considerando mudar para um modelo de governo de presbíteros? Então certifique-se de trabalhar simultaneamente o processo de membresia.² A membresia responsável cria o contexto para um presbiterato eficiente.

CINCO TIPOS DE OVELHAS DESGARRADAS

Imagine, por um momento, que você é um presbítero que entende isso. Você compreende que seu chamado inclui ficar de olho nos membros instáveis. Imagine também que sua igreja pratique a membresia responsável, de forma que você sabe de quem deve cuidar. E agora? Como vai cuidar dessas pessoas? O que deve procurar em particular?

A seguir, há cinco maneiras mais comuns de membros da igreja se extraviarem. À medida que se envolve relacionalmente com a comunidade local e ouve a respeito de um membro que se encontra em uma dessas situações, tome nota: esse irmão ou irmã já pode ter se desgarrado.

Ovelhas em pecado

Começemos com uma situação mais fácil (não necessariamente fácil de lidar, mas fácil de reconhecer): se você descobrir que um dos membros de sua igreja está envolvido em pecado perceptível, então eis uma ovelha pecadora e desgarrada precisando de intervenção.

Todo membro de igreja luta contra o pecado, como o fazem todos os presbíteros. João escreve: “Se dissermos que não temos pecado algum, enganamos a nós mesmos, e a verdade não está em nós” (1Jo 1.8). No entanto, alguns pecados são mais públicos e notórios que outros, e às vezes as pessoas parecem parar de lutar e adotam a desobediência. Então, quando um pecado notório e impenitente chega ao conhecimento de um presbítero, ele precisa ser corajoso e confiante no Senhor, enfrentando a situação com humildade, como Jesus nos ensinou a fazer (Mt 18.15-17).

Às vezes a intervenção funciona. Alegro-me quando me lembro das vezes em que desafiei uma pessoa enredada pelo pecado e, a despeito de meus receios, o Senhor, por sua graça, conduziu o pecador ao arrependimento. No entanto, o processo nem sempre funciona assim. Sei de um presbítero tão decidido a entrar em contato com um membro da igreja esquivo e renitente, que ele estacionou o carro na frente da empresa

desse homem na hora do almoço, na esperança de confrontá-lo. Infelizmente, essa pessoa o evitou e jamais se arrependeu nem voltou à igreja.

Ovelhas errantes

Ovelhas errantes caminham a passos lentos para fora da igreja, atraídas por outras atividades ou outros interesses. O desvio pode resultar de uma agenda de viagens lotada, de uma escolha imprudente sobre atividades esportivas dos filhos que tira a família do culto dominical ou da compra de uma casa necessitada de reformas que ocupa os fins de semana. Às vezes, um membro mais jovem da igreja vai para a faculdade, acaba se desviando e não volta para a igreja nem para o Senhor. Em outras ocasiões, as pessoas se queixam por se sentirem deslocadas na igreja e deixam de aparecer.

Independentemente das circunstâncias, essas pessoas não conseguiram obedecer à exortação de Hebreus: “Pensemos em como nos estimular uns aos outros ao amor e às boas obras, não abandonemos a prática de nos reunir, como é costume de alguns...” (Hb 10.24,25). Elas se esqueceram de que ser membro de uma igreja significa conexão regular com outros membros a fim de estimulá-los “ao amor e às boas obras”. Alguém pode argumentar que essa ovelha errante, que se afasta dos cultos, não se encontra tão mal. Mas na verdade ela está pecando por desobedecer a esse mandamento da Escritura.

Presbíteros, tomem nota dos membros que têm uma vida sobrecarregada de compromissos e, com amor, lembrem-nos de não se afastar da comunhão e do culto congregacionais.

Ovelhas coxas

Jesus nunca nos prometeu imunidade à dor e ao sofrimento. Cristãos são demitidos do emprego, abandonados nos relacionamentos amorosos, diagnosticados com diabetes do tipo 2, ficam presos nos congestionamentos e são réus de ações judiciais. Crentes antes ativos

envelhecem e mal podem sair de casa. Essas pessoas que sofrem são ovelhas coxas que estão em perigo de ficar para trás por não conseguirem acompanhar o ritmo do rebanho. Elas precisam de que alguém diminua o ritmo e caminhe a seu lado. Dificuldades intensas podem lançar até mesmo os santos mais firmes no desespero e minar sua capacidade de manter laços normais com a igreja. Se Jó, o homem de paciência e fé incomparáveis, tinha seus limites, não é diferente com as pessoas de sua igreja.

Quando se sabe que um membro da igreja está passando por uma grande tempestade na vida, é hora de sintonizar com ele. Esse irmão está sendo apoiado por outros membros, sejam eles amigos ou participantes do mesmo estudo bíblico? Há necessidades práticas às quais os diáconos podem atender? As notícias sobre as tribulações do irmão fazem parte das reuniões de oração da congregação? Como presbíteros, muitas vezes podemos servir a um irmão sofredor alertando e mobilizando o corpo, mesmo que nós mesmos já estejamos nos disponibilizando para fornecer oração e aconselhamento.

É incrível o quanto essas ovelhas claudicantes apreciam até os menores gestos de preocupação. Um abraço rápido e uma oração na entrada da igreja após o culto, um recado de encorajamento ou uma visita curta podem dar ânimo ao irmão ferido para continuar aguentando firme por mais um mês. Na semana passada, perguntei a uma mulher na congregação sobre seu marido. Ele estava com graves problemas de saúde que às vezes o impediam de estar conosco. Essa irmã me contou sobre o estado dele e, em seguida, passou a elogiar um dos nossos presbíteros que havia separado um tempo para visitá-los. Aquela simples visita estimulou sua fé e lhe deu forças para perseverar.

Cada pequeno gesto conta. Quando o Senhor trazer pessoas feridas até você, estenda a mão.

Ovelhas briguentas

Provavelmente, você vai achar difícil acreditar, mas aprendi que existem igrejas em que os membros se envolvem em conflitos uns com os outros. Claro que isso nunca aconteceu na minha igreja, e tenho certeza de que os membros da sua nunca discutem. Se sua igreja for como a minha, todos os membros partilham pontos de vista idênticos sobre política e música para o culto, todas as comissões lidam com problemas e finanças do mesmo jeito, e ninguém peca contra ninguém. Você conhece algum lugar assim?

Nem eu. Na verdade, dada a diversidade de personalidades e de experiências entre nossos membros, somada à nossa propensão contínua ao pecado, fico maravilhado quando encontro tanta harmonia na igreja como ocorre entre nós. Isso se deve à ação do Espírito Santo.

Quando membros da igreja entram em conflito, como inevitavelmente ocorre, existe um perigo maior de que eles se desviem. As pessoas começam a desaparecer bem rápido. “A igreja não deveria ser assim”, dizem. “Não posso mais adorar a Deus neste lugar por causa do ambiente tenso. Estou fora”.

Membros brigões precisam ser desafiados a fazer as pazes para a glória de Deus e por causa do evangelho, mas é provável que precisem de ajuda para fazê-lo. Até os discípulos mais maduros podem precisar de um árbitro. Paulo interveio em uma rixa entre duas de suas colaboradoras: “Suplico a Evódia e a Síntique que entrem em acordo no Senhor” (Fp 4.2). Em seguida, ele pediu ajuda à igreja: “E peço também a ti, meu verdadeiro companheiro, que as ajudes, pois trabalharam comigo no evangelho...” (v. 3).

Presbíteros, não façam vista grossa às desavenças entre membros da igreja na esperança de que tudo se arranje sozinho. Isso raramente ocorre. Você pode ser tentado a evitar a situação e a ignorá-la, por ser uma pessoa normal que não gosta de se intrometer em disputas alheias. Lembre-se, porém, das palavras de Jesus: “Bem-aventurados os pacificadores, pois serão chamados filhos de Deus” (Mt 5.9). Apegue-se a essa bem-

aventurança. Chame as pessoas em conflito para conversar com você e veja o que Deus pode fazer. Não se esqueça: o objetivo do presbítero é fazer com que as ovelhas amadureçam (veja o capítulo 2). Conflitos apresentam oportunidades incríveis para que as pessoas cresçam em Cristo.

Ovelhas que mordem

E se a dificuldade de um membro da igreja for justamente com você, o pastor-presbítero? E se a ovelha morde quando você se aproxima? Como você pode cuidar de alguém que o considera o motivo para fugir em disparada?

A resposta a essa pergunta pode variar bastante, dependendo das circunstâncias e das pessoas envolvidas. Entretanto, independentemente das especificidades, seguem três coisas que o presbítero deve sempre fazer quando ele mesmo estiver sob avaliação:

- Peça ajuda a alguns presbíteros para lidar com a pessoa frustrada. Como veremos no capítulo 6, esta é uma das razões pelas quais Deus ordenou que houvesse mais de um presbítero em cada igreja, prática denominada “presbiterato plural”. Os presbíteros cuidam uns dos outros, pois pastores também são ovelhas. Humilhem-se submetendo-se ao exame amoroso de outros presbíteros. Se o membro da igreja tiver saído da linha, deixe que os outros presbíteros defendam sua posição.
- Guarde seu coração da ira, da arrogância e de se manter na defensiva. Se você costuma ajudar outros presbíteros, não use isso como pretexto para ter proteção. Trabalhe para manter o amor e a compaixão em relação a seus detratores.
- Quando se encontrar com o irmão descontente, ouça-o com atenção. Descubri, com o tempo, que mesmo meus críticos mais furiosos e impiedosos de modo geral têm alguma razão. Pode ser uma crítica exagerada, expressa de maneira imatura e pecaminosa, mas ainda assim eles estão mostrando *alguma coisa* que eu preciso enfrentar.

MANTENHA A GUARDA: O CHAMADO MOLDADO PELO EVANGELHO

Ir atrás de membros desviados nessas situações talvez seja uma das facetas mais difíceis e menos glamorosas de ser um presbítero. Você ganha

admiração e respeito da igreja quando dá uma aula, experimenta uma profunda satisfação em orar pelos membros e sente muita alegria quando compõe um grupo de presbíteros que toma uma decisão histórica. Mas quais são os benefícios pessoais de confrontar um adúltero ou de se intrometer em uma disputa de muitos anos? E quem quer, de fato, sentar-se e ouvir um casal furioso detalhar todas as formas pelas quais eles acreditam que você e a igreja erraram com eles? Já não temos, todos nós, dramas demais em nossa vida? Por que se atolar na lama do outro?

Eis uma razão: os presbíteros incorporam profundamente o evangelho quando procuram por ovelhas desgarradas. Manter a vigilância e ir atrás dos desviados é uma atividade modelada por Jesus.

O Bom Pastor veio ao mundo a fim de buscar e salvar os perdidos. O Cordeiro de Deus veio morrer por ovelhas impenitentes, pecadoras — como nós. O Grande Médico veio curar as ovelhas coxas, doentes e moídas pelo pecado. O Príncipe da Paz entrou em nosso mundo dilacerado pela guerra, separado por incontáveis rivalidades e divisões. E quando lhe dirigimos insultos, batemos nele e o transpassamos, ele não abriu a boca.

Jesus não precisava vir, mas ele veio. E quando os presbíteros tomam a iniciativa de se envolver, ainda que isso lhes seja custoso, exemplificam o próprio evangelho pregado.

¹“Bispo” vem da palavra grega *episkopos*, que quer dizer supervisor ou superintendente. (N. do E.)

²Para uma ótima introdução ao tema da membresia da igreja, veja Jonathan Leeman, *Church membership: how the world knows who represents Jesus* (Wheaton: Crossway, 2012).

LIDERE SEM DOMINAR

A situação estava se deteriorando. O pastor sênior e o pastor auxiliar não concordavam em relação a vários temas críticos, incluindo teologia e a melhor forma de conduzir o ministério da igreja. Suas diferenças estavam começando a se espalhar pela congregação por meio dos sermões. A tensão crescente estava começando a dividir a igreja.

Depois de o pastor auxiliar ter me explicado a situação, perguntei:

— Sua igreja não tem presbíteros?

Ele disse que sim. Continuei:

— Então, que providências eles estão tomando para resolver o conflito?

— Essa é a parte frustrante — ele me disse. — Eles não sabem o que fazer, e a resposta deles é confusa. Às vezes dizem que me querem na equipe, mas outras vezes parecem achar que as diferenças com meu chefe são grandes demais.

Eu me colocava no lugar de todas as pessoas envolvidas naquela situação. Meu coração doía pelo fato de esses dois pastores amarem o Senhor, mas terem pontos de vista muito diferentes a respeito do ministério. E eu me identifico com aqueles presbíteros. Eles provavelmente são bons homens, que desejam servir à igreja, mas se viram presos em uma disputa complexa e de potencial explosivo entre seus pastores, aos quais desejavam apenas honrar. Não era de admirar que parecessem paralisados. Esse tipo de confusão não estava além do que se esperava que fizessem?

No entanto, o que os pastores e a igreja precisavam era justamente de presbíteros dispostos a lidar com essa situação difícil e apontar o caminho.

QUEM DISSE?

Pode parecer pouco relevante dedicar um capítulo ao tema da liderança em um livro sobre presbíteros. Não é óbvio que os presbíteros lideram na igreja? Talvez. Mas às vezes perdemos de vista o que é óbvio quando a situação foge do controle.

Não é difícil que os presbíteros se sintam desqualificados para liderar a igreja, de modo especial nessas situações intensas. Eles começam a pensar: “Não tenho formação teológica. Não recebi treinamento para administrar a igreja. Ocupado com minha família e o emprego de tempo integral, não tenho condições para resolver esse problema. Para ser honesto, não me sinto senão um membro mais destacado de uma comissão da igreja”. Quem são os presbíteros leigos para reconfigurar a filosofia há muito estabelecida acerca de missões interculturais, orientar a congregação para realizar uma reforma cara das instalações ou averiguar acusações de improbidade contra um membro da equipe?

Os membros da igreja também podem fazer questionamentos. Às vezes um membro coopera com a liderança de um presbítero leigo por tanto tempo, que o presbítero guia a igreja na direção aprovada pelo membro. No entanto, quando o presbítero toma o caminho “errado” diante da bifurcação, o membro da igreja torce o nariz, reclamando: “Quem ele pensa que é? Estive no estudo bíblico com ele durante dez anos. Ele não é melhor que eu. E agora, de repente, ele dá as cartas?”.

Podemos até retroceder mais e questionar a legitimidade da autoridade do presbítero no contexto mais amplo do momento cultural. Aqui, no Ocidente, as pessoas tendem a pensar nos líderes com desconfiança. Adoramos questionar a autoridade, elaborar teorias conspiratórias e disparar alarmes. Quanto maiores os líderes, maiores os tombos — e mais o mundo se regozija. A autoridade tem se deslocado de instituições externas para intuições internas; cada pessoa se tornou seu próprio soberano. Dada essa atmosfera, quem é o presbítero, quanto mais a igreja, para dizer a qualquer pessoa como viver ou em quê crer?

Os presbíteros contam com autoridade real para liderar a igreja?

AUTORIZADOS PARA LIDERAR

Começemos revisando os três nomes intercambiáveis dados a esse papel no Novo Testamento. Apesar de esses três títulos comportarem conotações um pouco diferentes, todos eles contêm os conceitos de autoridade e liderança:

- *Presbítero*. O termo implica sabedoria e experiência. Você se dirige ao presbítero em busca de aconselhamento e orientação. Os presbíteros têm autoridade moral; quando eles falam, as pessoas ouvem.
- *Pastor*. Pastores são encarregados dos rebanhos e guiam as ovelhas de um lugar a outro. Você consegue imaginar um pastor que não consiga se importar com o local por onde o rebanho vagueia?
- *Bispo*. O termo descreve alguém que toma conta de pessoas ou de coisas.

Considere também, mais uma vez, alguns dos textos já estudados. À medida que relê os versículos, repare que, em cada um deles, o escritor presume que os bispos da igreja estão revestidos de autoridade para guiá-la e que os membros da igreja têm a responsabilidade de honrar essa autoridade e se submeter a ela:

... se alguém não sabe governar a própria casa, como cuidará da igreja de Deus? (1Tm 3.5).

Os presbíteros que governam bem devem ser dignos de honra em dobro, principalmente os que trabalham na pregação e no ensino (1Tm 5.17).

Irmãos, pedimos que deis o devido respeito aos que trabalham entre vós, que vos presidem no Senhor e vos aconselham; e os tenhais em grande estima e amor, por causa do trabalho que realizam... (1Ts 5.12,13).

Obedecei a vossos líderes, sendo-lhes submissos, pois eles estão cuidando de vós, como quem há de prestar contas... (Hb 13.17).

Os presbíteros administram, lideram, advertem e cuidam dos membros da igreja. Estes respondem reconhecendo-os, tendo-os em alta conta e sendo obedientes a eles.

As igrejas diferem quanto ao modo de organização. As governadas pelo sistema congregacional, como a minha, não se estruturam da mesma forma que as igrejas presbiterianas. Nenhum de nós adota o sistema episcopal, com bispos e arcebispos, como nossos amigos anglicanos. Mas todas as igrejas devem concordar em pelo menos um ponto baseado no ensino bíblico: Deus delegou claramente certa medida de autoridade aos presbíteros para orientarem os assuntos das congregações locais.

ESCONDIDO NO MEIO DA BAGAGEM

Se você é presbítero, dê um passo à frente e trabalhe duro na liderança de sua igreja. Você não precisa saber todas as respostas e sem dúvida não conseguirá fazer tudo da forma correta. Mesmo assim, Jesus o comissionou a guiar o rebanho dele. Sua igreja necessita de que você tome a iniciativa e estabeleça o rumo a seguir.

É provável que você se sinta tentado a responder como o rei Saul. Apesar de Deus ter escolhido Saul, e ainda que Samuel o tenha ungido rei, Saul se escondeu no meio da bagagem quando surgiu a oportunidade de ser apresentado ao povo. Deve ter sido um bom esconderijo, pois o povo precisou perguntar a Deus onde ele se encontrava: “Por isso, voltaram a consultar o SENHOR: O homem ainda não veio para cá? E o SENHOR respondeu: Ele se escondeu no meio da bagagem” (1Sm 10.22). Irmão presbítero, não se esconda quando a igreja precisar de liderança. É hora de deixar o compartimento de carga e tomar seu lugar na cabine.

Minha congregação tem sido abençoada vez após vez com presbíteros leigos corajosos, que proveram a liderança necessária nos momentos fundamentais. Penso em John, que nos conduziu com destreza por uma revisão de nosso estatuto, poucos anos antes de uma dolorosa divisão da

igreja. Sua revisão estatutária recebeu o voto unânime da congregação. Sentei-me com Tim durante várias reuniões tensas, observando-o desfazer com paciência e calma rixas entre membros e até líderes da igreja. Lembro-me de Matt trazendo unidade à igreja ao explicar de maneira clara e convincente a necessidade de ampliação do prédio. Sou grato por Rick e Clay, que ajudaram a nos orientar em meio a um processo complexo de procura de um pastor — o resultado foi um pastor auxiliar fantástico. A congregação provavelmente não se dá conta do quanto Eric fez em favor dela com seu desafio incansável para que os outros presbíteros fossem pastores dos membros.

Enquanto escrevo isto, louvo a Deus por Bill. Agora ele está trabalhando em dois empregos de tempo integral e usa seu tempo livre e sua experiência em operações e gestão de equipes para me ajudar a pastorear a liderança de nossa igreja. E ele está me treinando na liderança, ao mesmo tempo. Bônus!

Eu poderia preencher o restante deste capítulo com nomes e relatos do meu *hall* da fama de presbíteros. Tem sido um privilégio associar-me com homens que amam esse rebanho o suficiente para tomar decisões difíceis, estabelecer políticas moldadas pelo evangelho, batalhar pela unidade da igreja, perseverar em meio aos reveses e sacrificar horas em favor da congregação em reuniões, conversas e orações. A autoridade exercida por homens piedosos e amorosos traz vida, unidade e frutificação às igrejas locais. E as igrejas se beneficiam quando honram essa autoridade (Hb 13.17).

VIAGEM NO PODER

Talvez você ainda não esteja convencido.

Toda essa conversa a respeito da autoridade do presbítero o deixa nervoso? Mesmo com os textos bíblicos que a comprovam, você ainda sente alguma hesitação? Talvez, em sua experiência, o problema com

presbíteros não seja que eles se pareçam muito com Saul, que se camuflou, disfarçado de caixa de suprimentos, a fim de evitar o trono; o problema é que eles se parecem cada vez mais com o Saul dos últimos dias, que arremessou uma lança contra Davi por causa do temor invejoso de que o jovem de Belém lhe usurpasse a coroa (1Sm 18.9-11). Talvez você sinta que a ameaça real não seja a timidez dos presbíteros, e sim a tirania deles.

Conheço um jovem cristão que queria servir à igreja local. Era uma congregação bem pequena que poderia ter se beneficiado com os dons dele. Mas esse jovem crente deu com a cara no “muro dos presbíteros” da igreja. Um deles havia ajudado a fundar a igreja, e sua palavra era carregada de autoridade. Além disso, ele às vezes exercia essa autoridade de forma bem direta. Era um dos “chefes” da congregação, e não se incomodava que o vissem dessa forma. Infelizmente, o presbítero não gostou do que o rapaz tinha a oferecer à igreja nem das mudanças que ele pretendia implementar — na verdade, o presbítero não era muito fã de mudanças em geral. Quando a poeira abaixou, o rapaz silenciosamente deixou a igreja, machucado e desiludido.

Basta apenas um desentendimento, ou dois com presbíteros controladores e soberbos para tornar alguém cético em relação aos termos “autoridade pastoral” e “cuidado espiritual”. Afinal, não são esses os termos usados por líderes sectários para manter as pessoas na linha?

LIDERE SEM DOMINAR

Jesus e os apóstolos compartilhavam as mesmas preocupações que você. Eles não só autorizaram os presbíteros a liderar, mas também reformularam de maneira radical o conceito de liderança, encarando-o como serviço humilde e sacrificial em favor dos seguidores. Pedro afirmou a responsabilidade dos presbíteros de pastorear e cuidar (1Pe 5.2), mas, na mesma frase, convocou os presbíteros a liderar de forma mansa e

exemplar, “[não] como dominadores dos que vos foram confiados, mas servindo de exemplo ao rebanho” (v. 3).

Pedro deve ter se lembrado do que Jesus ensinou a ele e aos outros discípulos a respeito da verdadeira autoridade e poder no reino de Deus:

... Sabeis que os governantes dos gentios os dominam,¹ e os seus poderosos exercem autoridade sobre eles. Não será assim entre vós; pelo contrário, quem quiser tornar-se poderoso entre vós, seja esse o que vos sirva; e quem entre vós quiser ser o primeiro, será vosso servo, a exemplo do Filho do homem, que não veio para ser servido, mas para servir e para dar a vida em resgate de muitos (Mt 20.25-28).

Quando entregou a vida pelas ovelhas, o Bom Pastor não apenas as redimiu do pecado, ele também redefiniu os conceitos de poder e autoridade para seu rebanho redimido.

Na Última Ceia, Jesus surpreendeu os discípulos ao lavar-lhes os pés. Em seguida, explicou sua ação chocante desta forma:

Se eu, Senhor e Mestre, lavei os vossos pés, também deveis lavar os pés uns dos outros. Pois eu vos dei exemplo, para que façais também o mesmo. Em verdade, em verdade vos digo: O escravo não é maior que seu senhor, nem o mensageiro é maior que aquele que o enviou (Jo 13.14-16).

Naquela noite, Jesus se despiu e lavou a sujeira dos pés dos discípulos com as próprias mãos. No dia seguinte, foi despido outra vez, e as mesmas mãos foram pregadas à cruz a fim de lavar o pecado da alma de seus discípulos. Quem se encontra perdoado, aos pés da cruz, olha para a liderança e o poder de uma forma que escandaliza o mundo, pois é totalmente oposta a seus padrões.

ESTRUTURAÇÃO PARA A LIDERANÇA DE SERVO

Como podem os presbíteros manter a posição de quem humildemente toma uma toalha e lava os pés de outras pessoas, ao invés de se

transformarem em déspotas arrogantes, que coroam a si mesmos? Os presbíteros são mesmo capazes de liderar sem dominar e de exercer autoridade sem autoritarismo?

Não é possível eliminar por completo o perigo da liderança abusiva. O orgulho espreita nosso coração constantemente, e é responsabilidade absoluta de cada presbítero crucificar o ego todos os dias, pelo poder do Espírito. Porém, as igrejas também podem agir a fim de fomentar a cultura do governo humilde. Os líderes e o povo podem estruturar sua vida em conjunto e fazer com que a liderança de servo pareça normal e o governo arrogante pareça incompatível.

Considere estes seis hábitos interligados que podem ajudar presbíteros e congregações a servir uns aos outros da maneira que Jesus nos serviu:

Escolha presbíteros humildes

A atitude mais simples e eficiente que a igreja pode tomar é desenvolver um processo criterioso para avaliar presbíteros em potencial e depois certificar-se de selecionar homens humildes. Como vimos no capítulo 1, as listas de qualificações para presbíteros estipulam que o presbítero deve ser “amável, inimigo de discórdias” (1Tm 3.3) e “não arrogante, nem inclinado a brigas” (Tt 1.7).

Ouvi um pastor dizer que a característica mais importante para um líder da igreja é a humildade. Em seguida, ele identificou a segunda característica mais importante: a humildade. E a terceira? Você pode adivinhar.

Quando escolher presbíteros, procure homens que tenham um histórico de atuação na igreja com pulso firme, porém gentil. Homens com coração de servo estabelecidos como presbíteros provavelmente continuarão agindo como servos. Ainda que se tornem um pouco presunçosos, tenderão a responder bem quando confrontados. Encontre homens capazes de expor suas ideias nas reuniões de presbíteros e que também se submetam com alegria à vontade do grupo quando seus posicionamentos

forem vencidos. Presbíteros humildes são capazes de se submeter uns aos outros.

No entanto, se o homem for cheio de si e presunçoso, obstinado e autoritário, não cometa o erro de lhe entregar o cajado pastoral — não importam seus outros talentos, suas experiências ou os recursos que ele possa acrescentar ao trabalho: “Não imponhas as mãos precipitadamente sobre alguém, nem participes dos pecados dos outros...” (1Tm 5.22).

Delegue aos diáconos

Os presbíteros não são os únicos oficiais da igreja: os apóstolos também escolheram diáconos. Correndo o risco de simplificar demais a descrição do trabalho dos diáconos: eles mantêm a unidade da igreja mediante o cuidado de suas necessidades logísticas, administrativas e físicas. Muitos enxergam nos “sete” da igreja primitiva o protótipo do diácono. Sua missão era supervisionar a distribuição de alimentos às viúvas da igreja para que a congregação pudesse usufruir de harmonia e os apóstolos se mantivessem livres para pregar e orar (At 6.1-7).

O desenvolvimento do diaconato saudável e competente amplia a autoridade e o campo de ação na congregação, criando assim uma proteção estrutural contra os obstáculos à ação dos presbíteros em assuntos importantes. Os presbíteros dirigem ainda os assuntos da igreja e, em última instância, têm certa medida de responsabilidade por tudo o que ocorre nela. Mas podem encarregar os diáconos de algumas incumbências, dando-lhes liberdade. Quando os presbíteros entregam a recepção, o berçário, as instalações, a contabilidade, a assistência aos mais carentes e a tecnologia da igreja a diáconos qualificados, transmitem confiança humilde na congregação. Os diáconos, por sua vez, aliviam a carga dos presbíteros para que estes possam ensinar, orar e pastorear — como fizeram os “sete” em relação aos apóstolos em Atos 6.

Sempre preste contas

Sua igreja conta com algum procedimento para confrontar o presbítero que incorre em pecado? Paulo orientou Timóteo a ter os presbíteros em alta conta (1Tm 5.17,18). Nos versículos seguintes, contudo, ele ordenou que os presbíteros considerados culpados de pecado fossem repreendidos em público:

Não aceites acusação contra um presbítero, se não houver mais duas ou três testemunhas. Quanto aos que vivem no pecado, repreende-os na presença de todos, para que os outros também tenham temor (1Tm 5.19,20).

Presbíteros, se vocês encontrarem um de seus bispos andando em desobediência ao Senhor e indisposto a se arrepender, não fechem os olhos apenas pelo fato de ele ser presbítero. Como Paulo disse em seguida: “Eu te exorto diante de Deus, de Cristo Jesus e dos anjos eleitos, que guardes essas coisas sem preconceito e que não faças nada com parcialidade” (v. 21).

Honre a palavra

O presbítero pode liderar sem dominar a igreja ao manter a Palavra de Deus e o evangelho como pontos centrais. Ele deve sempre ser submisso à Palavra — em todo o seu ensino, culto e ministério. Isso serve de lembrete a ele e à congregação de que sua autoridade é contingente e de que só a Bíblia é a detentora de autoridade absoluta na vida da igreja. As congregações devem eleger como presbíteros homens que tenham a própria Bíblia (e não necessariamente *sua* interpretação dela) na mais alta estima.

Afinal, os presbíteros exercem autoridade na igreja de Jesus apenas na exata medida em que ensinam a Palavra dele, obedecem a ela e a aplicam. Como disse o pastor do século 19 William Johnson, os presbíteros são executivos, não legisladores.² Sua função é apenas anunciar e fazer cumprir o ensino bíblico na vida da igreja. Quando os presbíteros promovem a Bíblia, eles ao mesmo tempo se humilham. Ao proceder assim,

demonstram ser o tipo de homens a quem os verdadeiros crentes desejam seguir.

Reproduza-se

Vimos no capítulo 3 que os presbíteros precisam perpetuar o ministério de ensino da igreja mediante o treinamento de substitutos. Quem fará parte da geração seguinte de mestres e presbíteros? Além de perpetuar a liderança da igreja, concentrar-se no treinamento de outros ajuda os presbíteros a permanecerem humildes. É bem difícil acumular poder e simultaneamente delegá-lo a outras pessoas.

Confie na congregação

Hesito em apresentar este ponto porque nem todos os leitores deste livro são adeptos do sistema de governo congregacional como eu. Tampouco este livro é uma defesa do congregacionalismo. No entanto, será que posso fazer a humilde observação de que outorgar a autoridade final a toda a congregação em algumas áreas (algo que mesmo as igrejas presbiterianas fazem) serve como a melhor proteção estrutural contra a tirania de algum presbítero? O ato de submeter decisões importantes à aprovação da igreja força os presbíteros a abrir mão do poder e a confiar humildemente nos membros e no Senhor. Houve ocasiões em que desejei poder tomar a decisão de maneira monocrática. O processo congregacional tende a ser mais vagaroso e às vezes não conduz ao resultado que eu desejaria. Porém, com o passar dos anos, cresceu meu apreço pela forma como o congregacionalismo, quando bem praticado, estabelece a unidade e a confiança entre presbíteros e membros. Crer que a autoridade final de algumas decisões reside na congregação força os presbíteros a trabalhar com mais afinco no ensino, na comunicação com o povo e na confiança em Deus por meio da oração.

PASTORES-OVELHAS

Jesus designou os presbíteros como pastores de seu rebanho, mas subordinados ao Supremo Pastor. Os presbíteros devem cumprir esse dever de coração e governar a igreja com coragem. Bispos covardes e passivos apenas causam problemas e degradam a igreja. Imploro a todos os meus irmãos presbíteros: pelo bem da igreja, pelo bem do evangelho e para a glória de Deus, liderem suas congregações!

Entretanto, em meio a todas as nuances desse discurso voltado a pastores, lembrem-se de uma verdade complementar: vocês continuam sendo ovelhas.

Este é o grande paradoxo que todo presbítero enfrenta: ele é ao mesmo tempo pastor e ovelha, líder dos seguidores de Jesus e seguidor de Jesus, bispo do corpo local e também parte dependente do corpo. O presbítero é um pecador salvo e sustentado pela graça que segue o Bom Pastor, Jesus Cristo. De repente, Jesus se volta para ele, coloca um cajado em sua mão e diz: “Cuida dos meus cordeiros” (Jo 21.15).

Como resolver a tensão inerente de ser uma ovelha transformada em pastor? Impossível. Você apenas aceita a tarefa e responde ao chamado para pastorear enquanto declara sua dependência absoluta do Senhor. Você diz “Vamos seguir por este caminho”, enquanto se une ao clamor do restante da igreja: “Guia-nos, Senhor”. Você fixa os olhos em Jesus e, pela graça dele, lidera sem dominar.

¹É interessante que o vocábulo grego “dominar”, aqui em Mt 20.25, é o mesmo utilizado por Pedro (1Pe 5.3). Além desses versículos, a palavra ocorre em Mc 10.42 (texto paralelo ao de Mateus) e em At 19.16.

²Citado em Mark Dever, org., *Polity: biblical arguments on how to conduct church life* (Washington: Nine Marks Ministries, 2001), p. 195.

PASTOREIE EM CONJUNTO

Fico contente que você ainda esteja lendo este livro. Com toda a franqueza, eu estava preocupado que você já pudesse ter desistido. Não que o livro seja longo e a leitura desafiadora, mas porque você talvez tivesse se sentido desencorajado quando viu tudo que a Bíblia exige dos presbíteros e houvesse, por isso, largado o livro.

O capítulo inicial sobre as qualificações do presbítero foi “difícil” o suficiente. Os apóstolos estabeleceram um nível elevado para os presbíteros: caráter semelhante ao de Cristo, lar bem administrado e habilidade de ensinar e defender a verdade bíblica. E o que dizer do adjetivo “irrepreensível”? Qualquer pessoa consciente de suas faltas e fraquezas consideraria esse perfil, no mínimo, desanimador. Enquanto escrevia este capítulo, não conseguia evitar de pensar: “Sou *mesmo* qualificado para ser presbítero e ainda mais para escrever um capítulo sobre as qualificações do presbítero?”.

Mesmo que você tenha passado raspando pelo exame inicial, os deveres pesados dos capítulos 2 a 5 podem ter acabado com você. Os presbíteros pastoreiam o rebanho, ensinam doutrinas, refutam erros, cuidam dos membros para que alcancem a maturidade, trazem de volta os desgarrados, governam e lideram e neutralizam conflitos — para dar nome a apenas algumas de suas funções.

E ainda há mais três capítulos pela frente.

Essas incumbências às vezes me oprimem, e sou um pastor remunerado que dedico toda a minha semana de trabalho a essa tarefa. O que dizer, então, se você for um presbítero leigo com um trabalho exigente, um percurso diário estafante, uma família ativa, uma casa para sustentar e

talvez algumas atividades de lazer? Como poderá fazer jus à alta vocação de supervisão congregacional nas horas limitadas de que dispõe? Isso se parece mais com a fórmula do fracasso. O pastorado leigo é realmente possível?

Creio que sim. Parte da solução se encontra na aceitação e na priorização sacrificial do chamado para pastorear. Alexander Strauch nos diz, sem rodeios:

Muitas pessoas sustentam famílias, trabalham e dedicam várias horas a serviços comunitários, clubes, atividades esportivas e/ou instituições religiosas. As seitas criaram grandes movimentos leigos que sobrevivem principalmente por causa do tempo de voluntariado de seus membros. Nós, cristãos crentes na Bíblia, estamos nos tornando um grupo preguiçoso, molenga e que paga para ter todas as coisas à mão. É incrível, de modo positivo, o quanto as pessoas conseguem realizar quando estão motivadas a trabalhar por algo de que gostam. Tenho visto pessoas construindo e reformando casas em seu tempo livre.¹

Os aspirantes ao cargo de presbítero devem calcular o custo de servir e então se entregar com liberalidade para o benefício da igreja, confiando na graça de Deus.

Há, no entanto, outro fator que torna o pastorado leigo factível. Trata-se de um dos elementos do presbiterato bíblico que tem me mantido forte como pastor, ao longo dos anos. Quando Deus projetou a igreja local, ele sabiamente instituiu a *pluralidade* de presbíteros. Pastorear é possível por se tratar de uma atividade a ser realizada em grupo.

PLURALIDADE DE PASTORES

Quando o Novo Testamento descreve os presbíteros efetivos atuando nas igrejas, ele sempre os menciona no plural. Examine os versículos a seguir. Observe que vários presbíteros lideram cada igreja:

Quando chegaram a Jerusalém, foram recebidos pela igreja e pelos apóstolos e presbíteros... (At 15.4; veja tb. v. 6,22; 16.4).

E, nomeando-lhes presbíteros em cada igreja e orando com jejuns, consagraram-nos ao Senhor em quem haviam crido (At 14.23).

De Mileto, mandou chamar em Éfeso os presbíteros da igreja (At 20.17).

Paulo e Timóteo, servos de Cristo Jesus, a todos os santos em Cristo Jesus que estão com os bispos e diáconos em Filipos (Fp 1.1).

Foi por isso que te deixei em Creta, para que pusesse em boa ordem o que faltava, e que em cada cidade estabelecesses presbíteros, como já te orientei (Tt 1.5).

Portanto, suplico aos presbíteros que há entre vós, eu que sou presbítero com eles, testemunha dos sofrimentos de Cristo e participante da glória que será revelada (1Pe 5.1).

Algun de vós está doente? Chame os presbíteros da igreja, para que estes orem sobre ele, ungindo-o com óleo em nome do Senhor (Tg 5.14).

Consegue enxergar o padrão? Repetidamente encontram-se presbíteros (plural) em cada igreja (singular).² Cada congregação tinha seu próprio grupo pastoral. É uma observação elementar, mas que faz toda a diferença quando posta em prática. A pluralidade de presbíteros é muito significativa para o pastorado sustentável.

PARTILHE A CARGA

Comece pelo óbvio: contar com vários presbíteros distribui a carga de trabalho pastoral. “Várias mãos tornam o trabalho mais leve”, “O trabalho em equipe divide a tarefa e multiplica o sucesso” e todos os outros ditos populares demonstram ser verdadeiros quando o tema é ministério dos presbíteros.

Uma irmã de nossa igreja me perguntou certa vez como poderia orar por mim. Eu lhe contei a respeito do peso crescente do ministério. O número de membros de nossa igreja havia crescido nesse período, e a necessidade de pastores havia se multiplicado. Perguntei a ela em tom de

retórica: “Como posso ministrar de maneira eficaz a um rebanho em crescimento?”.

Ela não encarou minha pergunta como mera retórica. Nunca me esquecerei da resposta dela. Ela sorriu, encolheu os ombros e disse simplesmente: “Mais pastores”.

Era evidente: mais pastores. Não era possível que eu não tivesse pensado nisso antes.

Bem, imagino que se Moisés não conseguiu perceber o óbvio, eu também não conseguiria. O sogro dele, Jetro, precisou chamá-lo de lado e lhe mostrar que ele precisava de mais ajuda.

No dia seguinte, Moisés assentou-se para julgar o povo, o qual ficou em pé diante dele, desde a manhã até a tarde. [...] Mas o sogro de Moisés lhe disse: O que estás fazendo não é bom. Com certeza, tu e este povo que está contigo desfalecereis, pois a tarefa é pesada demais; não podes fazer isso sozinho (Êx 18.13,17,18).

E qual foi a solução dada por Jetro? Ele aconselhou que Moisés tivesse parceiros de trabalho:

Além disso, procura dentre todo o povo homens capazes, tementes a Deus, homens confiáveis e que repudiem a desonestidade; [...] para que eles julguem o povo todo o tempo. Que levem a ti toda causa difícil, mas que eles mesmos julguem toda causa simples. Assim aliviarás o teu fardo, pois te ajudarão a levá-lo (Êx 18.21,22).

Da mesma forma que a adição de juízes aliviou o trabalho de Moisés, contar com vários presbíteros distribui o peso do ministério. Assim, se você é um presbítero, descubra maneiras pelas quais você e seus colegas dividam o trabalho. Comuniquem-se sobre os pontos principais da igreja que precisam de atenção e coordenem seus esforços. Se está sobrecarregado, não fique resistindo até não aguentar mais; dispare o alarme de emergência e chame os irmãos para o socorrerem.

De que maneira você pode dividir as responsabilidades entre sua equipe de bispos de modo mais planejado? Já mencionei como nossos presbíteros têm tentado distribuir os membros da igreja entre si, mas você não precisa fazer do mesmo jeito; o ponto é compartilhar o trabalho de forma bem pensada e refletida.

PRESBÍTEROS DO TIPO CANIVETE SUÍÇO

Os benefícios do pastorado compartilhado não cessam com a divisão do trabalho. A pluralidade também possibilita à igreja ter acesso aos diversos dons dos presbíteros, a fim de que cada um possa atuar de acordo com suas forças. Apesar de todos os presbíteros terem as mesmas responsabilidades, eles trazem uma variedade de talentos e experiências para a combinação.

Lembro-me do meu primeiro canivete suíço quando era criança. Não recordo exatamente quantos anos eu tinha, mas ainda consigo me lembrar das empunhaduras vermelhas e brilhantes do lado de fora do canivete. E, escondida entre essas empunhaduras, estava a assinatura do exército suíço. Lembro-me da emoção de abrir as ferramentas uma a uma e imaginar como poderia usá-las para me manter vivo se me perdesse no deserto. Havia uma lâmina comprida, uma lâmina curta, uma pinça, uma chave de fenda, uma tesoura e, é claro, a mais importante de todas as ferramentas de sobrevivência: um saca-rolhas.

Tenho uma sensação parecida a cada ano, quando acolhemos novos homens na equipe de presbíteros de nossa igreja. Cada irmão traz dons únicos ao grupo que pedem para ser descobertos e usados. É como abrir um canivete suíço composto por homens, um dom por vez. É claro que todos os presbíteros devem compartilhar alguns dons fundamentais para a função, como liderar e ensinar, mas mesmo esses dons podem variar em intensidade e forma.

Em nossa atual equipe de presbíteros, Mark é professor adjunto em um seminário local e usa seus dons de comunicação e seus estudos avançados

em Novo Testamento para exercer um ministério poderoso de ensino na congregação. Kent muitas vezes usou a influência de sua carreira em finanças para nos guiar nas questões orçamentárias. John tem uma profunda paixão pela oração e, muitas vezes ao longo dos anos, tem chamado a atenção de nossa equipe um tanto pragmática de presbíteros para a necessidade de se pôr de joelhos. Herb tem um bom senso incomum e normalmente formula perguntas penetrantes durante as discussões que nos levam ao cerne da questão.

Tire um tempo para conhecer seus colegas presbíteros. Descubra os dons que cada um traz em sua trajetória de vida e aprenda a utilizá-los. Quando trabalharem em conjunto, talvez você se sinta frustrado em relação às diferentes formas de alguns dos outros bispos resolverem problemas ou estabelecerem prioridades. Não fique, porém, irritado por essas diferenças. Em vez disso, enxergue os outros presbíteros como parte do conjunto da caixa de ferramentas divinamente projetada para servir à sua congregação. Tudo isso faz parte da natureza genial da pluralidade de presbíteros.

PASTOREIE OS PASTORES

No capítulo anterior, fomos lembrados de que os presbíteros também são membros do rebanho de Jesus. Chamamos essa condição de paradoxo da liderança eclesiástica dos “pastores-ovelhas”. Ele suscita uma pergunta interessante: se os pastores são também ovelhas, quem pastoreia os pastores? Presbíteros precisam de cuidado pastoral da mesma forma que qualquer outra pessoa. Eles podem não resistir à tentação, sucumbir em depressão, envolver-se em conflitos, cansar-se do ministério ou perder entes queridos. Ainda que não estejam em crise, os presbíteros precisam continuar amadurecendo, como todos os outros membros da igreja. Quem os supervisiona espiritualmente?

A pluralidade mais uma vez, aqui, provê uma resposta. Os pastores precisam pastorear os pastores. A supervisão congregacional é sustentável porque os presbíteros, em pluralidade, agem como pastores uns dos outros.

Há vários anos, um irmão se uniu a nosso grupo de presbíteros pela primeira vez. Eu disse em tom de brincadeira à sua mulher:

— Você está pronta para as provas?

— Que provas? — ela perguntou.

— As provas que sobrevirão a você e a seu marido quando ele se tornar presbítero. Prepare-se para ser testada — eu disse.

Ao que parece a brincadeira era mais séria do que eu pensava. Ele perdeu o emprego enquanto servia como presbítero e ficou desempregado por mais de um ano. Nesse “ano sabático involuntário”, os outros presbíteros oraram constantemente por ele e o encorajaram. Pela graça de Deus e pelo apoio deles, o homem saiu desse período mais forte e aprimorado.

Se você é presbítero, arrisque-se e seja sincero com os outros. Não receie revelar suas feridas e seus temores, suas lutas e seus pecados. Os outros presbíteros não poderão pastoreá-lo bem se você fingir ser o super-homem. De forma específica, peça-lhes para orar pelas necessidades de sua vida. Como mencionei antes, nossos presbíteros se reúnem duas vezes por mês, tendo uma dessas reuniões dedicada à oração. Nesse encontro, perguntamos como podemos orar uns pelos outros; trata-se de uma pequena prática que nos ajuda a manter a sintonia com o lado ovelha desses irmãos.

Muito tempo atrás, em uma reunião de oração dos presbíteros, quando perguntamos sobre como poderíamos orar uns pelos outros, um dos presbíteros abriu o coração. Ele falou abertamente a respeito da crise em seus negócios e nas finanças e a luta resultante contra o desespero. Foi um momento péssimo, mas abriu uma porta. Alguns outros presbíteros entraram por essa porta e compartilharam suas necessidades no

casamento. Nosso período de oração subsequente não foi apenas para cumprir uma obrigação: intercedemos uns pelos outros com fervor e compaixão renovados.

Se pretende pastorear uma congregação de maneira eficaz, você precisa estar sob supervisão espiritual. Portanto, humilhe-se a si mesmo e deixe que os outros presbíteros cuidem de você.

AFIE O FERRO

Já falamos sobre como a pluralidade torna o trabalho pastoral sustentável, de modo especial para presbíteros leigos. A abordagem em grupo promove o melhor pastorado porque, ao dividir a carga do ministério e partilhar talentos e dons complementares, os presbíteros são poupados da exaustão, além de receberem apoio dos presbíteros em suas provações.

Contudo, existe uma enormidade de perigos para os pastores: orgulho, controle excessivo, falta de tato, inacessibilidade e até abuso. Como vimos no capítulo anterior, os presbíteros precisam liderar sem dominar. A pluralidade ajuda a evitar nossa tendência ao autoritarismo ao criar o contexto no qual os presbíteros podem praticar o famoso provérbio: “Como se afia o ferro com outro ferro, assim o homem afia seu amigo” (Pv 27.17).

Quando presbíteros praticam a pluralidade saudável, torna-se mais difícil que pontos de vista ou tendências de um só homem predominem, pois os presbíteros se contrabalançam. Os mais gentis moderam os mais inflamados. Os ativistas incentivam os analistas na direção da tomada de decisões. Os presbíteros de “grande fé” evitam que toda decisão seja mais um exercício de conservadorismo fiscal e risco para a administração, ao passo que os presbíteros práticos ajudam os sonhadores e visionários a não fazer coisas estúpidas sob o pretexto da “confiança em Deus”. Esse tipo de equilíbrio gera uma atmosfera difícil de ser suportada pelos egoístas.

E mais: a pluralidade cria a estrutura para que os presbíteros chamem a atenção uns dos outros quando um deles ultrapassa os limites.

Nossas reuniões de presbíteros às vezes pegam fogo (sei que isso não acontece na *maior parte* das igrejas, então você terá de usar a imaginação). Nossa congregação é abençoada com líderes fortes de opiniões fortes, e muitos deles servem como presbíteros. Quando temas complicados surgem nas reuniões, a temperatura da sala pode subir.

Mesmo assim, sempre fico emocionado ao ver presbíteros chamando outros de lado após uma reunião. Às vezes um homem se desculpa com outro pelo exagero. Eles podem tomar um café na mesma semana e conversar sobre suas diferenças. Outras vezes um irmão contesta outro pela conduta dele nas reuniões e o incita a fazer as pazes e mudar sua abordagem. Tenho visto os presbíteros mais jovens reagir com gentileza aos veteranos quando estes dominam as conversas de modo a silenciar os mais novos. Bispos se põem em pé nas reuniões para pedir desculpas à congregação pelo tom de suas respostas nas reuniões anteriores, graças ao pedido gentil de seus colegas.

Entre eles há um presbítero que sempre foi muito franco. Por um lado, é muito bom tê-lo como presbítero porque nos ajuda a não incorrermos na mentalidade de grupo, graças à sua habilidade de articular pontos de vista diferentes com paixão – passei a apreciar isso nele cada vez mais, em especial pelo fato de eu preferir evitar conflitos. Por outro lado, essa franqueza pode gerar atrito. Mas ele sabe que pode me chamar após uma reunião dos presbíteros e perguntar se ultrapassou o limite ou se é necessário me pedir desculpas. Se eu disser: “É, acho que você foi um pouco duro”, ele de imediato toma as providências necessárias para corrigir a situação. Com o passar do tempo, tenho testemunhado como ele se tornou mais gentil, diplomático e sensível, sem perder a habilidade de falar com franqueza.

APROVEITE O PASSEIO

Vou fazer o último comentário a favor da pluralidade de presbíteros. É muito mais satisfatório, e até divertido, pastorear fazendo parte de uma equipe do que sendo um pastor solitário. Ao fazer uma retrospectiva de mais de quinze anos de ministério pastoral, posso dizer que uma das minhas maiores alegrias no ministério tem sido servir com os presbíteros leigos de minha congregação. Esses homens têm sido “irmãos de guerra” para mim e uns para os outros. Compartilhamos risadas e lágrimas. Celebramos juntos vitórias e oramos em conjunto por situações que pareciam dilemas insolúveis. Eles me apoiaram — às vezes em sentido bem literal — durante alguns dos momentos mais difíceis de meu ministério. Muitas vezes, eu os liderei bem. Outras vezes, eles me pegaram no colo e me carregaram até que eu fosse capaz de liderar novamente.

Se você está em uma igreja com apenas um pastor remunerado e nenhum presbítero, imploro que use qualquer influência que tenha para levar sua igreja a adotar bispos leigos. Não só o monopastorado está fora do que a Bíblia ordena, como essa estrutura também subtrai do pastor o apoio vital e uma satisfação profunda. Isso também priva os outros membros da igreja de um cuidado pastoral mais rico, bem como da alegria de ver homens dentre os irmãos despontando como líderes. E existem homens na sua congregação que estão perdendo oportunidades de crescimento que só ocorrerão quando eles derem um passo de fé e supervisionarem uma congregação.

Você precisa de presbíteros (plural). Esse é o plano de Jesus para o pastorado sustentável e eficaz de suas igrejas.

¹Alexander Strauch, *Biblical eldership: an urgent call to restore biblical church leadership* (Littleton: Lewis and Roth Publishers, 1995), p. 28.

²Ibidem, p. 37.

SEJA MODELO DE MATURIDADE

Na manhã do dia 1.º de janeiro de 1996, eu me sentei no meu escritório como o novo pastor auxiliar interino da South Shore Baptist Church. Nada passa mais uma sensação de significância e de segurança no trabalho que o título “pastor auxiliar interino”.

Mas o motivo de minha felicidade naquela manhã era ter concluído os estudos e começado um trabalho de verdade no ministério. Eu tinha terminado as últimas aulas no seminário poucas semanas antes, encerrando dois anos e meio de tempo integral da pós-graduação. Antes do seminário, passei por quatro anos de graduação em estudos bíblicos. Com mais de seis anos de estudos ininterruptos, sem dúvida eu contava com todo o necessário para ser pastor: dois diplomas teológicos, uma coleção crescente de comentários bíblicos e alguns sermões prontos das minhas aulas de homilética. De que mais precisava?

Eu estava deixando de lado um “detalhe”: precisava de alguém que me mostrasse como pastorear de fato uma congregação.

Foi aí que Deus me deu Ray.

A igreja havia contratado Ray para ser o pastor interino, poucas semanas antes de me chamar. Ray é um velho e sábio ministro da Nova Inglaterra que, durante o ano e meio seguinte, mostrou-me como pastorear uma igreja. Eu o observava navegar por entre as fortes correntezas de nosso conselho de presbíteros. Assistia a suas sessões de aconselhamento pastoral e o acompanhava em visitas hospitalares. Ele me deu esboços para casamentos e funerais que uso até hoje. Testemunhei a boa ação pastoral na prática. Brinco às vezes que, se faço alguma coisa

certa no ministério pastoral, provavelmente é porque imito o Ray, e, se faço algo errado, certamente é por causa do meu improviso.

No entanto, muito mais que me ensinar técnicas ministeriais, Ray serviu para mim como modelo do caráter e do coração de um pastor. Demonstrou paciência ao trazer mudanças a passos lentos o suficiente para que uma igreja do norte dos EUA pudesse lidar com elas. Manifestava gentileza, humildade e alegria, mesmo quando as coisas não ocorriam como previsto; confiava em Deus e resolvia um problema atrás do outro pela oração. E, acima de qualquer outra coisa, Ray amava as pessoas, e elas sabiam disso. No final, ele não somente mostrou a mim como ser pastor, ele mostrou à igreja toda como seguir Jesus.

SEDE MEUS IMITADORES

Minha experiência com Ray me faz pensar no que Paulo disse à igreja de Corinto: “Sede meus imitadores, como também eu sou de Cristo” (1Co 11.1). Isso lhe soa estranho? Você disse alguma vez a outro cristão que imitasse sua imitação de Jesus? Parece uma afirmação presunçosa, uma espécie de charada eclesiástica. Imagine-se dizendo a seu grupo de estudo bíblico ou aos membros da igreja: “Quero lhes informar que sou um bom seguidor de Jesus, por isso vocês deveriam imitar meu exemplo”. Talvez esse versículo fosse algo que apenas Paulo pudesse dizer — afinal, ele era um apóstolo. Ele poderia se sair bem ao afirmar coisas grandiosas do tipo “sede meus imitadores”.

No entanto, Paulo foi mais longe. Ele não disse apenas: “Sede meus imitadores”, ele também incentivou a igreja de Filipos a prestar atenção em quem o imitava: “Irmãos, sede meus imitadores e prestai atenção nos que andam conforme o exemplo que tendes em nós” (Fp 3.17). Você reparou na última palavra do versículo? Ele disse “nós”, não “mim”. O “nós” de Filipenses se refere a Paulo e Timóteo (1.1). Desse modo, o grupo das pessoas que serviam de modelo foi expandido para além de Paulo, a fim de

incluir Timóteo e os cristãos de Filipos, replicadores do padrão de vida de Paulo e Timóteo.

Na carta a Timóteo, Paulo instruiu explicitamente seu jovem aprendiz a ser um modelo imitável: “Ninguém te menospreze por seres jovem, mas procura ser exemplo para os fiéis, na palavra, no comportamento, no amor, na fé e na pureza” (1Tm 4.12).

E se ser um exemplo a ser imitado não for um papel reservado apenas aos santos apóstolos? E se os atos de servir de modelo e de imitar o modelo forem as veias e as artérias do coração do discipulado cristão? E se o que realmente precisamos para crescer em maturidade for de mais Rays e Timóteos para estabelecer o exemplo nas nossas igrejas?

Isso faria sentido pelo fato de Deus aparentemente nos ter capacitado para a imitação. Desde a infância, aprendemos a falar, a nos comportar e a reagir imitando quem se encontra à nossa volta. Todo pai passa pelos momentos assustadores em que ouve suas próprias palavras saindo da boca dos filhos. Mães se preocupam em relação a quem os filhos adolescentes escolherão como amigos, pois elas conhecem o poder da imitação. Mesmo adultos, escolhemos ênfases, frases, expressões faciais, humores, gostos, hábitos e *hobbies* de outras pessoas. É por isso que casais felizes unidos há cinquenta anos parecem ter se transformado aos poucos em uma só pessoa.

Essa dinâmica de modelo e cópia, exemplo e imitador, toma forma no discipulado cristão. Entretanto, a vida cristã não *começa* com imitação; ela começa com um milagre. O discipulado se inicia quando, por exemplo, uma pecadora ouve o evangelho, e o Espírito Santo altera de forma sobrenatural sua disposição interna por meio do ouvir. Em consequência, a pecadora se arrepende de seus pecados e crê que Jesus morreu e ressuscitou para salvá-la. Ela nasceu de novo pelo poder de Deus, e seu primeiro brado é: “Jesus é Senhor!”. É preciso nascer de novo para entrar

no reino de Deus. Ninguém pode imitar sua trajetória da incredulidade para a fé.

Agora, no entanto, nossa bebê espiritual, nascida de Deus, deve crescer até alcançar a maturidade à semelhança de Jesus. Como isso acontece? O processo envolve vários fatores, como ser alimentada pela Palavra de Deus. Mas ela também precisa de algo mais. A recém-nascida de Deus necessita de uma família em que possa aprender, por meio do exemplo de outras pessoas, a andar com Jesus. Ela precisa de uma igreja local.

Uma igreja local saudável fornece uma rica matriz de relacionamentos nos quais haja modelo e cópia mútuos. Ao se tornar membro de uma comunidade local, nossa nova cristã pode comparar suas impressões com as de outras pessoas novas na fé e que estão se adaptando à vida diferente e maravilhosa do seguidor de Jesus que foi perdoado. Ela pode aprender com os irmãos mais velhos que seguem Jesus há mais tempo e que, no processo, obtiveram vitórias sobre o pecado mediante o poder do Espírito, além de terem resistido a algumas tempestades importantes na vida pela confiança na graça de Deus. Ela pode até encontrar alguns pais e mães piedosos, como o apóstolo Paulo e como Ray, o pastor interino, que a inspirarão a orar: “Senhor, ajuda-me a ser como essa pessoa”. Não carecemos apenas de ensino e pregação sólidos acerca da vida cristã obediente, também precisamos ver a santidade na prática. Crescemos por meio da imitação, como os apóstolos imitaram Jesus, como Timóteo imitou Paulo e como eu imito Ray.

PASTOREANDO PELO MODO DE SER

Então, o que tudo isso tem que ver com os presbíteros? Este livro pretende apresentar uma descrição da função dos bispos. Onde eles entram nesse debate sobre servir de modelo e copiar?

É simples: Deus chamou os presbíteros para serem homens dignos de imitação.

Uma igreja local saudável normalmente conta com vários membros, homens e mulheres, cujo exemplo deve ser imitado. Mas quando a igreja aponta um homem para ser bispo, ela afirma, em caráter formal: “Eis um exemplo oficial, reconhecido pela igreja, de um seguidor maduro de Jesus”. Ele não é o único exemplo, nem é perfeito, nem necessariamente o melhor exemplo nessa congregação de todas as virtudes cristãs. Mesmo assim, o presbítero é um modelo devidamente credenciado. Ao declarar alguém presbítero, a igreja diz: “Imite-o como também ele imita Cristo”. A igreja deve ser capaz de mostrar um presbítero ao novo crente e dizer: “Você quer saber como deve ser um cristão verdadeiro? Então olhe para ele”.

Dito de outra forma: a função de presbítero envolve pastorear pelo modo de *ser* bem como de *agir*. Os presbíteros pastoreiam igrejas não apenas pelo que fazem, mas também pelo que são. E sem o ser, o agir não subsiste.

Façamos a revisão dos elementos da função do presbítero, apresentados nos capítulos anteriores. Repare como cada elemento dessa lista de afazeres pode ser alcançado somente se o presbítero cumprir seu chamado. Em resumo, um caráter semelhante a Cristo é condição *sine qua non* do ministério pastoral.

No capítulo 2, sintetizamos toda a função do presbítero como o apascentamento dos membros da igreja visando a uma maior maturidade à semelhança de Cristo. Os presbíteros são pastores que se envolvem com a vida dos membros da igreja a fim de ajudá-los a crescer juntos, cada vez mais, de acordo com a imagem de Jesus.

No entanto, se o próprio presbítero for imaturo, como poderá pastorear outras pessoas em direção a uma piedade madura? Da mesma forma que você não contrataria um especialista em finanças que houvesse desperdiçado todas as posses por causa de decisões equivocadas sobre investimentos, nem se exercitaria com um preparador físico fora de forma que não é capaz de inspirar sua confiança, também o presbítero impiedoso

e egoísta que diz: “Sede meus imitadores” terá poucos adeptos. Só é possível levar as pessoas a Cristo até o ponto que você chegou.

O capítulo 3 apresentou a tarefa do ensino. Os presbíteros expõem a verdade bíblica e refutam erros doutrinários. Mas e se a vida do mestre contradisser seus ensinamentos de maneira gritante? Todos deixarão de ouvi-lo, com exceção dos mais dedicados seguidores desse homem. As pessoas não têm muita paciência com o tipo de mestre “façam o que digo, mas não façam o que faço”. Até os piores e mais hipócritas dentre os mestres do povo de Deus terão de se ver com ele. A advertência de Tiago é séria: “Meus irmãos, muitos de vós não devem ser mestres, sabendo que seremos julgados de forma mais severa” (Tg 3.1).

Entretanto, quando o pastor combina a sã doutrina com uma vida sadia, ele sempre contará com um rebanho dedicado. Quando penso no ministério de ensino de Ray como nosso pastor interino, um sermão se destaca. Na semana da Páscoa, Ray nos ensinou sobre Jesus ter lavado os pés dos discípulos, em João 13. Eu me lembro daquele sermão por dois motivos. Primeiro, porque foi um ótimo sermão. Ray falou com clareza e de um jeito comovente a respeito do caráter de servo de Jesus, não só ao lavar os pés de homens, mas ao se dirigir à cruz a fim de purificá-los de seus pecados. Ray convocou os membros de nossa congregação a uma atitude semelhante de serviço humilde uns aos outros, à luz do evangelho.

Segundo, e talvez mais importante, lembro-me do sermão porque, enquanto ouvia as palavras a respeito do caráter de servo, eu também via humildade, serviço e sacrifício pessoal no homem que as pregava. A caminhada cristã coerente de Ray me compeliu a ouvir a mensagem.

No capítulo 4, examinamos a responsabilidade exigida do presbítero de ir atrás dos membros que estão se desgarrando. Trata-se de uma tarefa delicada, pois membros afastados da igreja geralmente se encontram fragilizados e feridos. Como consequência, não raro sentem dificuldades para confiar em outras pessoas. Assim, quando um pastor de caráter

questionável se aproxima, é provável que as ovelhas perdidas debandem. Como pode a ovelha levar a sério os esforços do pastor para “cuidar” dela quando ele não toma conta nem de si mesmo?

Podemos ir além. Se a hipocrisia do pastor for conhecida fora da igreja, ela impedirá outras pessoas de sequer desejarem fazer uma visita dominical ao grupo. “Também é necessário que tenha bom testemunho dos de fora, para que não seja envergonhado nem caia na armadilha do Diabo” (1Tm 3.7).

No capítulo 5, abordamos a tensão entre liderar com confiança e ao mesmo tempo com gentileza. Mais uma vez, o caráter piedoso é a chave. Como Pedro disse: “pastoreai o rebanho de Deus que está entre vós [...] [não] como dominadores dos que vos foram confiados, mas servindo de exemplo ao rebanho” (1Pe 5.2,3). Ser exemplo é o antídoto contra a intimidação. Quando vivem e amam como Jesus, os presbíteros não se tornam conhecidos pela arrogância ou pelo autoritarismo. Em vez disso, contam com a humildade moldada por Jesus que lhes concede a autoridade moral à qual a igreja voluntariamente se submete. Os presbíteros devem liderar pelo exemplo, se pretendem liderar de fato.

Por último, debatemos no capítulo 6 sobre a pluralidade dos presbíteros. Os bispos dão o exemplo não só como indivíduos, mas também como equipe. Pense no seu grupo de presbíteros como uma igreja em um microcosmo. A forma como os pastores interagem, resolvem problemas, esforçam-se em prol da unidade e enfrentam juntos os desafios deve ser uma representação vívida a ser imitada pela igreja toda. Os presbíteros em conjunto devem ser capazes de dizer: “Sede nossos imitadores, como também nós, em conjunto, somos de Cristo”.

Certa vez, dei uma aula a respeito do presbiterato bíblico em nossa igreja. Como parte da aula, realizamos uma “experiência de campo” em uma reunião de presbíteros ao vivo. Mais tarde, os participantes da aula fizeram observações a respeito da experiência. Eles destacaram o amor, a

humildade e a gentileza com que os presbíteros se dirigiram uns aos outros, bem como a sincera preocupação demonstrada por eles quando oraram a favor dos membros da igreja. Algumas pessoas esperavam algo diferente dos presbíteros naquela reunião, alguma coisa mais poderosa, corporativista e intimidadora. Em vez disso, descobriram atitudes na interação dos presbíteros que se pareciam com as de Jesus. Foi uma noite excelente para nossos bispos.

Você percebe como a seiva da piedade deve pulsar em cada tarefa realizada pelo presbítero? No entanto, se o presbítero compromete sua integridade ao desobedecer ao Senhor, seu ministério morre. A caminhada do presbítero com Jesus é o cordão ao qual todas as pérolas do seu ministério estão presas — corte o cordão, e as pérolas cairão ao chão e se espalharão. O presbítero deve ter habilidades, experiência e carisma, mas, se não refletir bem o caráter de Jesus, sua imaturidade acabará prevalecendo sobre seus dons. O que o presbítero *é* dá credibilidade e poder ao que ele *faz*. Isso explica por que a Bíblia contém listas com tantas qualificações para os presbíteros, como vimos no capítulo 1, e por que essas qualificações se concentram primordialmente em um caráter exemplar. O presbítero deve ser “irrepreensível” (1Tm 3.2). Todo o seu ministério depende disso.

VIGIE SUA VIDA

Dada a importância vital de os presbíteros serem exemplos para a igreja, este capítulo não pode chegar ao fim sem a adição de outro dever fundamental do trabalho do presbítero: todo presbítero deve buscar continuamente santidade, amor e maturidade espiritual. Ele precisa ser sempre mais parecido com Jesus a fim de liderar como Jesus.

Paulo disse a Timóteo: “Tem cuidado de ti mesmo e do teu ensino; persevera nessas coisas. Dessa forma, salvarás tanto a ti mesmo como os que te ouvem” (1Tm 4.16). Essa é uma declaração maravilhosa e uma

tremenda responsabilidade. Paulo disse que o pastor desempenha um papel ordenado por Deus na salvação da própria alma e da alma de outras pessoas ao ter cuidado de si mesmo e de seu ensino.

A parte do ensino deve ser a menos chocante para nós. As pessoas são salvas ao ouvirem o evangelho ensinado na Bíblia, portanto, se um líder eclesial guardado seu ensino do erro, esse ensino pode ser um condutor da graça salvadora de Deus.

Mas o que dizer a respeito da vida do pastor? Ao prestar atenção à própria vida e ao ser “exemplo para os fiéis, na palavra, no comportamento, no amor, na fé e na pureza” (1Tm 4.12), ele desempenha um papel na própria salvação e também na salvação dos membros de sua congregação. O Espírito de Deus usa de alguma forma a vida exemplar do bispo no desenvolvimento da salvação de outras pessoas na igreja. Portanto, servir de modelo e copia não são opcionais, mas desempenham papel central na forma de progredirmos juntos espiritualmente na igreja local.

Assim, irmão presbítero, acima de tudo vigie a si mesmo. Se você deseja dizer como Paulo: “Sede meus imitadores, como também eu sou de Cristo” (1Co 11.1), então você precisa primeiro unir-se a ele nesta declaração: “... aplico socos no meu corpo e o torno meu escravo, para que, depois de pregar aos outros, eu mesmo não venha a ser reprovado” (1Co 9.27).

Conheça sua alma e suas tendências desqualificadoras. Esteja atento aos pontos fracos de seu coração, nos quais as tentações costumam atacar. Continue resistindo ao pecado, onde quer que você o encontre, e mate-o pelo poder do Espírito (Rm 8.13). Continue andando pelo Espírito (Gl 5.16), para que os desejos da carne murchem e o fruto do Espírito amadureça (v. 19-23). Deixe a Palavra de Deus renovar sua mente, de modo que você possa se revestir continuamente do novo homem (Ef 4.22-24). Ofereça seu corpo todos os dias como sacrifício vivo (Rm 12.1,2).

PROGRIDA NO EVANGELHO

Não suponha que, pelo fato de ser presbítero, você tenha alcançado o alvo. É justamente o oposto: tornar-se bispo de uma igreja deve provocar em você a urgência de ir mais longe na imitação de Jesus.

Sua congregação precisa ver não só um presbítero piedoso, mas um presbítero em crescimento. Paulo disse a Timóteo não apenas para prestar atenção a sua vida, mas também para progredir de forma perceptível ao público: “Ocupa-te dessas coisas, dedica-te inteiramente a elas, para que todos possam ver teu progresso” (1Tm 4.15). Isso não é interessante? Sua congregação precisa ver progresso, não perfeição. Jesus já obteve a perfeição. A igreja precisa não só imitá-lo até o ponto já alcançado por você em Cristo, mas, tão importante quanto isso, imitar sua busca contínua de crescimento.

Em outras palavras, a igreja precisa ver que o evangelho ainda transforma sua vida. As ovelhas precisam saber que você também se arrepende do pecado com regularidade. Elas precisam ouvi-lo clamar em oração pelo poder da ressurreição de Jesus na sua alma. Elas precisam saber que você lê a Bíblia e ora todos os dias, não por ter sido designado o supersanto da igreja, mas por ter aprendido que, sem a porção diária de maná, você não terá forças para resistir dia após dia à tentação ou para servir ao Senhor.

Ao servir de modelo de progressão na dependência do evangelho, você aponta para além de si mesmo: o olhar dos membros da igreja é elevado até Jesus, o único em cuja imagem estamos sendo transformados.

INTERCEDA PELO REBANHO

Ao longo dos sete capítulos anteriores, exploramos a descrição bíblica das funções dos presbíteros. Na tentativa de resumi-la, dissemos que ela se refere a apascentar os membros da igreja em direção à maturidade à semelhança de Cristo. Contudo, também poderíamos dizer que os presbíteros são chamados a *pastorear as igrejas locais à maneira de Jesus*.

As funções dos presbíteros seguem muitos dos padrões do ministério de Jesus passados aos discípulos. Jesus ensinou a Palavra de Deus; os presbíteros continuam ensinando a mesma Palavra. Jesus veio do céu para procurar e salvar os perdidos; de forma similar, os presbíteros vão atrás dos desviados, às vezes pagando um preço pessoal por isso. Jesus incorpora com perfeição a imagem de Deus; os presbíteros procuram imitar Jesus de modo a tornar-se exemplos a serem imitados pelos membros da igreja. Os presbíteros pastoreiam as igrejas da mesma forma que Jesus ao ensiná-las, guiá-las, buscá-las, servi-las e ser um modelo como ele.

Mas estamos nos esquecendo de algo. Os presbíteros também precisam imitar a outra “metade” do ministério de Jesus. Pastorear como Jesus significa orar à semelhança dele:

Porém a sua fama cada vez mais se divulgava, e grandes multidões afluíam para ouvir e ser curadas de suas enfermidades; mas ele costumava retirar-se para os lugares desertos e orar (Lc 5.15,16, TB).

Esses versículos apresentam um resumo do ministério de Jesus até a Paixão. Conhecemos bem a primeira parte desse resumo — seu ministério

público —, pois os Evangelhos a descrevem bem. Repetidas vezes vemos Jesus ensinando, realizando milagres e ministrando em meio ao povo.

Mas o que dizer da outra parte do resumo, a parte que descreve como Jesus *costumava* se retirar para orar? Não sabemos tanto a respeito desse aspecto, em especial pelo fato de os evangelistas não entrarem em detalhes sobre a vida de oração de Jesus. No entanto, se prestarmos atenção, poderemos captar repetidos vislumbres dessa dimensão discreta, porém integrante de seu ministério. Começemos pelos escritos de Lucas. Jesus:

- Orou no batismo quando o céu se abriu, o Espírito desceu e o Pai falou (3.21,22).
- Deu início a um dia repleto de atividades ministeriais em Cafarnaum, dirigindo-se a um lugar ermo, provavelmente para orar (4.42; cf. 5.16).
- Passou uma noite inteira orando fora de casa antes de escolher os doze apóstolos (6.12).
- Orou em particular com os discípulos (9.18) e levou Pedro, Tiago e João a um monte para orar, ocasião em que os três viram Jesus transfigurar-se (9.28).
- O exemplo de intercessão de Jesus instigou os discípulos a lhe pedirem que os ensinasse a orar (11.1), por isso ele lhes apresentou a “oração do Senhor”.
- Contou a parábola da viúva insistente a fim de inspirá-los a “orar sempre e nunca desanimar” (18.1).
- Poucas horas antes da crucificação, Jesus resistiu à tentação no Getsêmani ao fazer súplicas ao Pai (22.39-44).
- Na sequência de Lucas, o livro de Atos menciona, sobre os apóstolos, que “unidos, todos se dedicavam à oração” depois da partida de Jesus (1.14).
- Tão logo a igreja nasceu e começou a crescer em tamanho, os apóstolos descobriram que cuidar das necessidades práticas da congregação diminuía de forma considerável o tempo dedicado à oração. Por isso, propuseram a nomeação de sete homens para lidar com as necessidades administrativas crescentes da igreja (6.1-3). O que os apóstolos fariam com esse tempo e energia? Eles disseram: “... nós nos devotaremos à oração e ao ministério da palavra” (v. 4).

Os apóstolos deram continuidade ao padrão de Jesus, o ministério de duas frentes: pregar e orar.

Parece estranho para você que os apóstolos, e até o Senhor Jesus, dedicassem tanto de sua energia à oração assim intencionalmente? O diálogo com o Pai marca sua vida e seu ministério da mesma forma que caracterizou o de Jesus e o de seus apóstolos?

VIVER EM ORAÇÃO

Nossa prática da oração não precisa ser incentivada apenas pelo modelo de comunhão pessoal de Jesus com o Pai, ela também deve ser estimulada pela natureza exigente do próprio trabalho de pastorear. O ministério pastoral pode colocá-lo de joelhos, de uma forma ou de outra.

Espero que neste momento você sinta um tremor saudável com a perspectiva de supervisionar uma congregação. O trabalho pode ser esgotante. Os atos de ensinar, mentorear, confrontar, buscar os perdidos e guiar pessoas podem demandar um tempo significativo e ser muito cansativos para a alma. E não importa o volume de atividade pastoral que alguém realize, sempre haverá mais trabalho a ser feito. Um presbítero sempre pode ter de fazer outra chamada telefônica, discipular outra pessoa ou convidar mais alguém para uma refeição. Como um pastor define a expressão “missão cumprida”?

Não causa surpresa que os presbíteros retrocedam com facilidade ao modelo de administradores. É muito mais fácil sentar-se em volta de uma mesa durante algumas horas, debater sobre algumas diretrizes e fazer algumas votações. “Missão cumprida” é quando a reunião se encerra. No entanto, quando você se dedica a servir como pastor a outras pessoas, quer faça parte da equipe remunerada, quer seja um bispo leigo, depara com as limitações de seu tempo, suas energias, seus conhecimentos e seus dons. Espero que esse confronto o faça implorar pelo auxílio divino. Para os presbíteros, a oração não é apenas um dever, é uma estratégia fundamental de sobrevivência.

Contudo, não é só a extensão do trabalho que deve impelir os presbíteros à oração, é também o objetivo do trabalho. Como vimos no capítulo 2, os presbíteros conduzem os membros da igreja ao amadurecimento em Cristo, ainda que não tenham o poder de fazer alguém progredir espiritualmente. Os bispos podem ensinar a Bíblia, mas são incapazes de fazer com que as pessoas obedeçam a ela de coração. Um presbítero pode exortar membros da igreja em conflito a se reconciliarem, mas é incapaz de fazer uma das partes perdoar. Deus concedeu aos presbíteros um objetivo que só o próprio Deus pode tornar realidade. Como Paulo bem lembrou à igreja de Corinto, que idolatrava a liderança: “Eu plantei; Apolo regou; mas foi Deus quem deu o crescimento. De modo que, nem o que planta nem o que rega são alguma coisa, mas sim Deus, que dá o crescimento” (1Co 3.6,7).

Nossa inabilidade espiritual deveria nos levar a clamar pelo poder de Deus para trazer crescimento às congregações. À semelhança de Elias, podemos reparar o altar e preparar o sacrifício, mas Deus precisa enviar o fogo de seu Espírito ao coração e à vida das pessoas (veja 1Rs 18.30-39).

Se a esfera de atuação exigente e os critérios de sucesso humanamente impossíveis das incumbências do presbítero não forem suficientes para fazê-lo implorar ao céu por ajuda, olhar no espelho deverá ajudá-lo. Qualquer presbítero com o mínimo de consciência sabe que sua propensão ao pecado pode minar seu ministério. Ele abre a Bíblia e vê seu coração refletido no engano de Abraão, na luxúria de Davi, no desespero de Elias, no orgulho de Ezequias e na traição de Pedro. E se isso não fosse mal suficiente, ele lê sobre um leão em derredor com um apetite enorme por cordeiros (1Pe 5.8). Quando o presbítero percebe que ele próprio é uma ovelha sedenta, ferida, errante e caçada, ele berra pelo auxílio do Bom Pastor.

Sim, o exemplo de Jesus para nós, presbíteros, nos incentiva a orar. Mas as demandas do ministério pastoral e nossas próprias deficiências também

devem nos levar a pedir a Jesus que faça o impossível. Bispos não oram apenas a fim de pastorear como Jesus, oramos porque precisamos de que Jesus realize o pastorado por meio de nós e para nós. O ministério do presbítero vive da oração.

A PRÁTICA DA ORAÇÃO

Como é o ministério do presbítero marcado pela oração? Como os presbíteros inspirados por Jesus e desesperados por conta de suas responsabilidades aumentam o volume da oração?

Tente não pensar na oração como uma atividade extra e imposta a quem já se encontra com a agenda lotada. Em vez disso, pense nela como o sistema operacional a partir do qual funcionam todos os aplicativos do presbítero. Como Paulo disse: “Orai sem cessar” (1Ts 5.17). A oração se encontra no ápice quando se torna o transbordamento verbal de um estado constante de dependência de Deus. Da mesma forma que o caráter, a oração deve fluir de todas as ações do presbítero. Ela deve constituir um tipo de respiração espiritual regular que traz a vida do Espírito à nossa existência e aos nossos trabalhos.

Eis a seguir quatro possíveis abordagens para mesclar a intercessão à sua atuação como presbítero.

Oração em público

Tente usar qualquer momento de exercício de liderança em público como uma desculpa para orar. Seja alguém que não perde a oportunidade de orar. Esteja você oficiando a ceia do Senhor, ensinando em uma classe da escola dominical, ministrando em um seminário para o treinamento ministerial ou moderando uma reunião da igreja, use da sua autoridade nesse momento para orar em favor do grupo reunido com você. Quando estiver com outros membros da igreja em alguma atividade em grupo para solucionar problemas, seja a pessoa que diz: “Talvez devamos fazer uma

pausa e pedir ajuda a Deus”. Em qualquer reunião da congregação, se você perguntar se pode orar, *ninguém* discordará.

Além do próprio valor da oração, inserir a intercessão nas assembleias públicas também lhe dá a oportunidade de ensinar as pessoas a orar ao servir de modelo. Assim, quando você orar a favor dos membros reunidos, tente apresentar uma oração sincera e equilibrada. Certifique-se de orar não só pelas necessidades individuais da congregação, mas também por outras igrejas e pela plantação de novas igrejas na região. Não ore apenas pela próxima eleição no seu país, exalte o evangelho em todo o globo. Ore pelo pão diário, mas não se esqueça de implorar pela vinda do reino de Deus e pela realização da vontade divina. E tente iniciar suas orações da forma que a maior parte das orações da Bíblia se inicia, ou seja, exaltando o caráter e os atos de Deus: “... santificado seja o teu nome”! (Mt 6.9). Pela graça de Deus, as pessoas começarão a imitar suas orações à medida que você imitar os padrões bíblicos de oração.

Ao orar em público, você não apenas serve de modelo sobre como orar, mas também exemplifica uma atitude de dependência. Se o líder espiritual diz: “Precisamos da ajuda de Deus”, ele envia uma mensagem poderosa aos seguidores. Uma oração pública de dependência é ainda outra maneira de liderar sem dominar.

Quando eu estava no seminário, tinha um professor chamado Meredith Kline. Nesse período, ele estava a ponto de se aposentar. O dr. Kline era admirado por sua erudição na área da teologia bíblica. Sua paixão era entender e explicar como a totalidade da história da Bíblia se encaixa. No entanto, não foi somente sua ampla base teológica, a qual me ajudou a ler a Bíblia como uma unidade, que me impactou: o dr. Kline também me influenciou com sua oração.

Ele iniciava todas as aulas com oração. Sua voz era seca, rouca e tranquila, pouco ajustada à tarefa de interceder em público. E fazia orações *longas*. Ele orava por uns dez minutos ou mais. Mesmo assim, sua conversa

com Deus era fascinante. Na oração, era como se ele transformasse seu vasto conhecimento da Bíblia e da teologia em adoração e temor a Deus. Vi alguém com um intelecto imponente humilhar-se diante da grandeza de Deus, saborear a largura e o comprimento da obra da salvação promovida por Deus em Jesus. Esse senhor de idade e baixa estatura comovia meu coração aula após aula com o desejo de conhecer mais a Deus e de conversar com ele como esse homem fazia. Ele usava sua plataforma pública como oportunidade para orar em público, a fim de que essa prática exercesse uma influência profunda na vida dos alunos.

Poucos presbíteros ou pastores têm a profundidade da erudição do dr. Kline. Mas todos os bispos têm ambientes públicos que podem ser graciosamente utilizados para fazer orações bíblicas e sinceras. E isso não requer doutorado.

Oração dos presbíteros

Faça da oração parte do pacote da “reunião de presbíteros”. Já é tempo de evoluir para além de pedir a alguém que ore para “iniciar” e “encerrar” uma reunião. Reserve algum tempo para intercessões mais prolongadas, em conjunto, todas as vezes que vocês se reunirem. Na verdade, torne a oração o primeiro item da agenda da reunião.

Sinta-se livre também para intercalar orações extemporâneas à medida que o encontro avança. Gosto de como Bob tem feito isso nas nossas reuniões. Às vezes precisamos discutir temas difíceis — como uma situação devastadora que envolva um membro da igreja ou uma decisão difícil que precisa ser tomada — e Bob quase sempre levanta a mão e diz: “Podemos parar um pouco e orar a respeito disso?”. Tomar decisões difíceis é um dos aplicativos dos presbíteros mencionados antes, mas a oração de dependência é o sistema operacional.

Um modo simples de transformar suas reuniões de presbíteros e seus colegas presbíteros é orarem juntos sistematicamente por toda a lista de membros da igreja. Quando vocês fazem isso, não só os membros recebem

as bênçãos inerentes ao fato de alguém orar por eles, como você e os outros presbíteros voltam a se concentrar nos membros da igreja e não apenas no funcionamento das engrenagens. Os presbíteros podem até descobrir que a intercessão pelos membros é algo mais satisfatório que debater sobre quanto gastar com o novo sistema de aquecimento ou se permitem que o clube de jardinagem da cidade realize um evento nas dependências da igreja.

Os presbíteros de minha igreja têm tentado resolver a situação da seguinte maneira (sugiro isso como uma forma possível de estruturar a oração nas suas reuniões de presbíteros, mas não se trata da única ou até da melhor forma): nós nos reunimos formalmente duas vezes por mês. Temos uma “reunião de oração” na primeira terça-feira e uma “reunião de negócios” na terceira terça-feira. Também tentamos orar nas reuniões de negócios, ainda que mais brevemente.

Na reunião de oração, partilhamos as necessidades conhecidas da igreja, inclusive as necessidades dos próprios presbíteros; em seguida, passamos o restante do tempo orando por esses pedidos e pelos nomes inscritos na lista de membros da igreja. A reunião de oração dos presbíteros é provavelmente uma de nossas atividades eclesiais preferidas.

Última observação: considere chamar seus colegas presbíteros para períodos especiais de oração e de jejum. Quando nossos presbíteros enfrentam momentos difíceis no trato com a igreja, separamos uma semana para jejuar e orar. Presbíteros diferentes são comissionados para jejuar, cada um no seu dia, de forma que a semana toda seja abrangida. Precisamos fazer isso com mais frequência.

Oração pessoal

Por oração “pessoal”, não quero dizer orar sozinho (falaremos mais a respeito disso em seguida, no subtópico “Oração em particular”). Uso o termo no sentido de orar com membros da igreja, de pessoa para pessoa.

Essa forma de oração também não é outra prática que pode ser adicionada à lista de afazeres dos presbíteros; ela deve ser parte da atuação pastoral regular. Sempre que você conversar com um membro da igreja, tente orar por ele pessoalmente, onde vocês estiverem. Utilize os assuntos de que vocês tiverem tratado e leve-os a Deus, quer esteja se encontrando com alguém para um café ou conversando após o jantar em sua casa. Mesmo que vocês estejam em pé em um lugar lotado no saguão da igreja após uma reunião dominical e o irmão compartilhe uma preocupação ou provação, tente parar ali mesmo e perguntar: “Posso orar a respeito disso neste exato momento?”. Nunca vi ninguém recusar.

Além disso, descubra uma forma de o conselho de presbíteros colocar Tiago 5.14,15 em prática:

Algun de vós está doente? Chame os presbíteros da igreja, para que estes orem sobre ele, ungindo-o com óleo em nome do Senhor; e a oração da fé salvará o doente, e o Senhor o levantará; e, se houver cometido pecados, será perdoado.

Esses versículos suscitam uma série de perguntas interessantes, como: “É preciso usar óleo?”; “Qual é a relação entre a doença e o pecado?”, e “De que maneira a oração do presbítero pelos doentes se relaciona com o perdão?”. Meu objetivo aqui não é apresentar uma interpretação detalhada dos versículos, desejo apenas perguntar: “Você e seus colegas presbíteros oram pelos doentes, segundo a orientação de Tiago?”.

Nossos presbíteros têm assumido essa prática, e alguns deles já disseram que ela é um dos pontos altos de seu ministério. Temos visto a ação divina. Algumas vezes, Deus concedeu a irmãos doentes certo alívio por um tempo. Em outros casos, Deus parece ter concedido curas miraculosas, do tipo que fazem oncologistas coçar a cabeça em perplexidade. Em outras ocasiões não estou seguro se Deus realizou alguma cura corporal, mas o irmão doente foi fortalecido em espírito para permanecer firme.

Enquanto escrevo isto, meu pai está lutando contra o câncer. Ele e minha mãe são membros de nossa congregação. Eles pediram que os presbíteros orassem, e os presbíteros vieram e oraram por ele. Não sabemos ainda como Deus responderá à oração de pedido de cura, mas posso dizer que a experiência de ter cerca de dez homens piedosos na sala da casa de meus pais derramando o coração para Deus em favor deles foi um momento profundo tanto para meus pais quanto para esses homens.

Oração em particular

Por último, é indispensável que você reserve tempo para intercessão em particular e para comunhão com Deus. Espero que, neste ponto, como presbítero, sua necessidade desesperada de oração em particular seja um plano inevitável. Se não tiver intimidade na caminhada com o Senhor, você se desviará do caminho e talvez leve as ovelhas junto.

Tenha o propósito de inserir a oração em particular na sua vida. Separe tempo todos os dias, em algum lugar, de algum modo. Ore durante o trajeto para o trabalho, quando levar o cachorro para passear ou quando estiver cumprindo uma obrigação. Leve a lista de membros com você e apresente cada pessoa diante de Deus, em momentos de folga.

A oração em particular e a comunhão com Jesus por meio de sua Palavra podem estar entre os hábitos mais negligenciados pelos pastores. Entretanto, ironicamente, essas são, sem dúvida, as práticas mais determinantes para a vitalidade espiritual de nossa vida e nosso ministério. O que aconteceria com o rebanho local se os pastores subordinados a Jesus se dedicassem à oração da mesma forma que se entregam a orçamentos, e-mails e políticas?

PARTICIPE DA REUNIÃO DE ORAÇÃO

Demos início a este capítulo avaliando a prática da oração de Jesus. Seu ministério público transbordava de oração e era impulsionado por ela. Os

presbíteros deveriam olhar para o modelo estabelecido por Jesus (e pelos apóstolos) e desejar imitá-lo.

Mas existe outro aspecto do ministério de oração de Jesus que devemos ter em mente: ele ainda ora.

Jesus está vivo e se encontra assentado à direita do Pai, intercedendo por seu povo como nosso sumo sacerdote (Rm 8.34; Hb 7.25). Jesus, nosso advogado, se dirige ao Pai em nossa defesa (1Jo 2.1). Poucas horas antes de seguir para a cruz, Jesus orou a fim de que o Pai protegesse os discípulos de caírem como Judas (Jo 17.11-15). E nós, seu povo, permanecemos sustentados pela graça de Deus conforme Jesus intercede junto ao Pai em nosso favor.

Assim, quando os presbíteros oram por suas igrejas, não estão apenas imitando Jesus, estão se unindo ao Senhor. Os pastores subordinados combinam sua voz com a do Supremo Pastor, pedindo ao Pai que guarde as ovelhas e as leve em segurança para o lar.

CONCLUSÃO

O peso eterno do pastorado

Servir como presbítero em uma congregação local é um privilégio e uma responsabilidade enorme, pois é uma atividade que carrega um significado eterno. A tarefa parece assustadora e às vezes até impossível. Ainda assim, ela é digna de tudo o que se investe nela, pois estamos lidando com nada menos que o povo de Deus, comprado com sangue, e trabalhando para o bem eterno desse povo e a glória eterna de Deus.

Então, colegas presbíteros e candidatos, permitam-me deixar com vocês duas considerações finais à luz do peso eterno do pastorado. Uma é um aviso e a outra é uma promessa.

O aviso: *Pastoreiem bem, porque vocês prestarão contas*. Lembrem-se das palavras de Hebreus que estudamos:

Obedecei a vossos líderes, sendo-lhes submissos, pois eles estão cuidando de vós, como quem há de prestar contas; para que o façam com alegria e não gemendo, pois isso não vos seria útil (Hb 13.17).

O texto admoesta primeiramente os membros da igreja, mas existe um aviso aos bispos incrustado nele. Os presbíteros cuidam “como quem há de prestar contas”. A igreja pertence a Jesus; ele comprou as ovelhas. Os presbíteros são apenas cuidadores dos que lhes foram “confiados” (1Pe 5.3). Os pastores responderão ao Proprietário sobre como lidaram com o rebanho. Daremos satisfações ao Noivo sobre como tratamos sua noiva. Será que ensinamos sua verdade, toda a sua verdade, e nada além da sua verdade? Amamos as ovelhas dele da forma que ele as ama? Somos

abusivos ou humildes? Encaminhamos nossos irmãos e irmãs a Jesus ou agimos como pedras de tropeço quando eles tentam seguir o Mestre?

Mas existe também uma promessa eterna: *Pastoreiem bem, pois há uma coroa a ser obtida*. Depois que Pedro exortou seus colegas presbíteros à humildade e ao pastorado exemplar, ele lhes deu esta promessa: “Quando o Supremo Pastor se manifestar, recebereis a imperecível coroa da glória” (1Pe 5.4).

Grande parte das coisas pelas quais trabalhamos e com as quais nos preocupamos a cada semana é irrelevante. Eclesiastes nos faz lembrar que nosso trabalho duro e nossas conquistas são ilusões. Juntamos e construímos coisas apenas para deixá-las para os outros. Já a recompensa pelo pastorado produtivo nunca se deteriora. Que outra atividade realizada semana após semana promete uma coroa imperecível?

Irmãos, conforme vocês refletem sobre ser presbíteros e analisam o custo disso, lembrem-se de incluir no cálculo a glória eterna reservada aos servos bons e fiéis.

Muitos dos que dormem no pó da terra ressuscitarão, uns para a vida eterna, e outros para vergonha e desprezo eterno. Os que forem sábios resplandecerão como o fulgor do firmamento; e os que converterem a muitos para a justiça, brilharão como as estrelas, sempre e eternamente (Dn 12.2,3).

9Marcas

Construindo Igrejas Saudáveis

9Marcas existe para munir os líderes da igreja com uma visão bíblica e recursos práticos, a fim de demonstrarem a glória de Deus às nações por meio de igrejas saudáveis.

Com esse fim, queremos ver as igrejas sendo caracterizadas por estas nove marcas de saúde:

- 1 Pregação expositiva
- 2 Teologia bíblica
- 3 Entendimento bíblico do evangelho
- 4 Entendimento bíblico da conversão
- 5 Entendimento bíblico da evangelização
- 6 Entendimento bíblico da membresia na igreja
- 7 Disciplina bíblica na igreja
- 8 Discipulado bíblico
- 9 Liderança bíblica na igreja

Encontre mais informações no site <http://pt.9marks.org>.



EVANGELIZAÇÃO É MAIS QUE UM PROGRAMA

Passam-se alguns anos e as igrejas continuam se lançando à mais recente moda evangelística. Os líderes administram o novo programa, e os membros põem a mão na massa. Mas imagine uma igreja em que a evangelização simplesmente faça parte da cultura da igreja. Os líderes estão sempre compartilhando a fé e o fazem abertamente. Os membros os seguem, incentivando uns aos outros a tornar a evangelização uma forma da vida.

Esse é o conceito de evangelização apresentado nesse livro pequeno, mas impactante. A questão aqui não é oferecer programas. Antes, ele apenas deseja propor à sua igreja uma nova maneira de viver e compartilhar o evangelho.

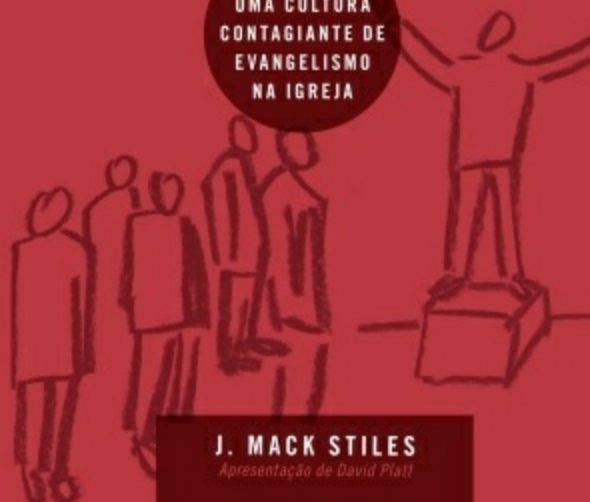
IX

9Marcas

CONSTRUINDO IGREJAS SAUDÁVEIS

EVANGELIZAÇÃO

COMO CRIAR
UMA CULTURA
CONTAGIANTE DE
EVANGELISMO
NA IGREJA



J. MACK STILES

Apresentação de David Platt

Evangelização

Stiles, J Mack

9788527506779

144 páginas

[Compre agora e leia](#)

EVANGELIZAÇÃO É MAIS QUE UM PROGRAMA.

Passam-se alguns anos e as igrejas continuam se lançando à mais recente moda evangelística. Os líderes administram o novo programa, e os membros põem a mão na massa. Mas imagine uma igreja em que a evangelização simplesmente faça parte da cultura da igreja. Os líderes estão sempre compartilhando a fé e o fazem abertamente. Os membros os seguem, incentivando uns aos outros a tornar a evangelização uma forma da vida.

Esse é o conceito de evangelização apresentado neste livro pequeno, mas impactante. A questão aqui não é oferecer programas. Antes, ele apenas deseja propor à sua igreja uma nova maneira de viver e compartilhar o evangelho.

[Compre agora e leia](#)

AUGUSTUS NICODEMUS

A SUPREMACIA
E A SUFICIÊNCIA DE
CRISTO

A MENSAGEM DE COLOSSENSES
PARA A IGREJA DE HOJE


VIDA NOVA

A supremacia e a suficiência de Cristo

Lopes, Augustus Nicodemus

9788527506298

136 páginas

[Compre agora e leia](#)

Em nossos dias, assim como na época de Paulo, a supremacia e a suficiência de Cristo têm sido desafiadas pelos mais variados tipos de heresia. Paulo escreveu a carta aos colossenses em meados do primeiro século para combater um falso ensinamento, conhecido como a heresia de Colossos. No entanto, o leitor atento que esteja familiarizado com a situação da igreja evangélica brasileira não terá dificuldade em identificar nos dias de hoje várias semelhanças com essa heresia. Precisamente por esse motivo a carta que Paulo escreveu aos colossenses é tão relevante para o nosso tempo.

[Compre agora e leia](#)

FRANKLIN FERREIRA

— **CONTRA A** —

**IDOLATRIA
DO ESTADO**

O PAPEL DO CRISTÃO NA POLÍTICA




VIDA NOVA

FRANKLIN FERREIRA

— **CONTRA A** —

**IDOLATRIA
DO ESTADO**

O PAPEL DO CRISTÃO NA POLÍTICA




VIDA NOVA

FRANKLIN FERREIRA

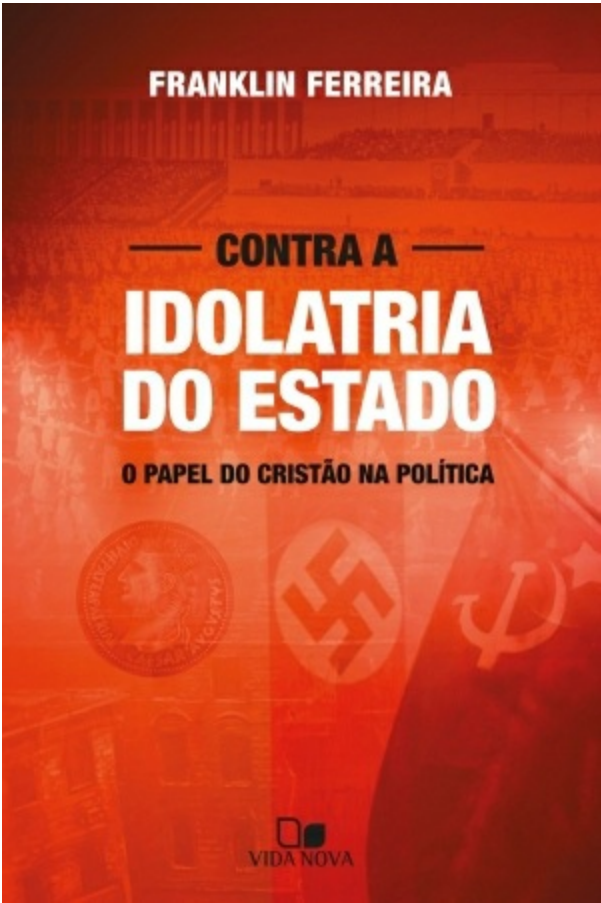
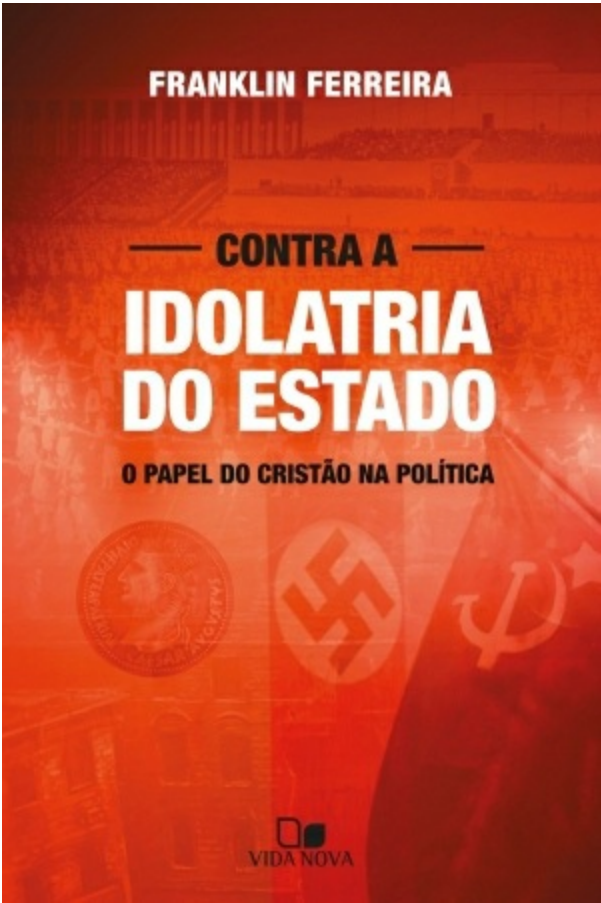
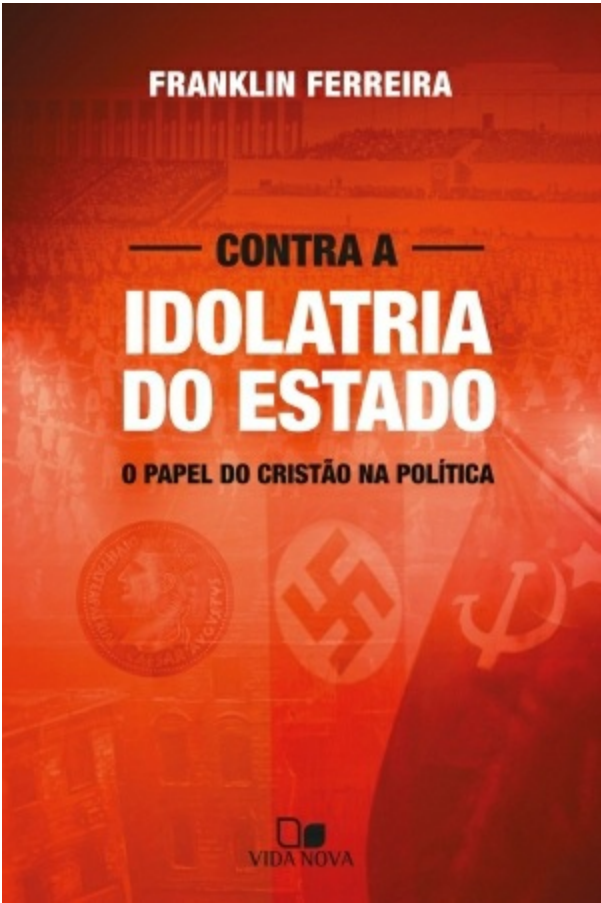
— **CONTRA A** —

**IDOLATRIA
DO ESTADO**

O PAPEL DO CRISTÃO NA POLÍTICA




VIDA NOVA



FRANKLIN FERREIRA

— **CONTRA A** —

**IDOLATRIA
DO ESTADO**

O PAPEL DO CRISTÃO NA POLÍTICA




VIDA NOVA

Contra a idolatria do Estado

Ferreira, Franklin

9788527506649

288 páginas

[Compre agora e leia](#)

Contra a idolatria do Estado oferece ao leitor uma oportunidade singular de se posicionar de maneira ativa e consciente no atual cenário político nacional e internacional. Por meio da mensagem evangélica, a "religião do Estado" é confrontada e a ação política cristã é legitimada, ao mesmo tempo que qualquer autoridade humana é submetida à autoridade soberana de Deus, o único a quem devemos culto em todas as esferas de nossa vida.

[Compre agora e leia](#)

Jonathan Edwards

A Verdadeira Obra do Espírito

Sinais de autenticidade




VIDA NOVA

A verdadeira obra do Espírito

Edwards, Jonathan

9788527506540

104 páginas

[Compre agora e leia](#)

Esta obra é uma exposição de 1 João 4 feita com maestria e brilhantismo por Jonathan Edwards, que nos exorta a provar a procedência dos espíritos, de acordo com a recomendação do apóstolo João.

Os pensamentos do autor surgiram da necessidade de instruir os cristãos que viveram numa época de grande agitação e confusão, à medida que se faziam todos os tipos de reivindicação espiritual. Não é preciso dizer que a situação no Brasil de hoje apresenta muitas semelhanças.

[Compre agora e leia](#)



**A MENTE
DE CRISTO:**
CONVERSÃO
E COSMOVISÃO
CRISTÃ

VIDA NOVA

NORMA BRAGA VENÂNCIO

A mente de Cristo

Venâncio, Norma Braga

9788527505192

224 páginas

[Compre agora e leia](#)

Este livro é composto por uma coletânea formada de artigos inéditos e de uma seleção dos artigos mais relevantes que a autora já escreveu em seu prestigiado blog. Nele Norma Braga submete temas como politicamente correto, "cubanização", "totalitarismo da vítima", homofobia, sexualidade, casamento, justiça social, infanticídio, ateísmo, racismo, pedofilia e arte moderna a uma crítica rigorosa a partir do referencial dos valores cristãos e do bom senso. Ao analisar as mais estranhas ideias defendidas por líderes evangélicos em tempos recentes, Norma trata com imparcialidade conceitos similares e atuantes dentro do arraial evangélico.

Para os evangélicos esquerdistas que acham que a crítica contra aborto, feminismo, lobby gay, socialismo, marxismo e outros itens caros à agenda da esquerda é coisa de pastores e teólogos machistas, este livro vai cair como uma bomba no quintal deles.

[Compre agora e leia](#)